

**ELISA DEVIT OTTARAN**

**O LUGAR DA ESCUTA NA AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS A  
PARTIR DA TEORIA SAUSSURIANA**

**PORTO ALEGRE**

**2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

**O LUGAR DA ESCUTA NA AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS A  
PARTIR DA TEORIA SAUSSURIANA**

**ELISA DEVIT OTTARAN**

**ORIENTADORA: PROFA DRA LUIZA ELY MILANO**

Dissertação de Mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2019**

### CIP - Catalogação na Publicação

Ottaran , Elisa Devit

O lugar da escuta na aquisição das línguas a partir da teoria saussuriana / Elisa Devit Ottaran . -- 2019. 78 f.

Orientador: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Aprendizagem de língua. 2. Escuta. 3. Fônico. 4. Silêncio. 5. Saussure. I. Milano, Luiza Ely, orient. II. Título.

Elisa Devit Ottaran

O LUGAR DA ESCUTA NA AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS A PARTIR DA TEORIA  
SAUSSURIANA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre, 25 de março de 2019

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

---

Dr<sup>a</sup>. Alessandra Jacqueline Vieira  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Dr<sup>a</sup>. Daniela Norci Schroeder  
Departamento de Línguas Modernas  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Dr<sup>a</sup>. Patrícia da Silva Valério  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade de Passo Fundo (UPF)

*Dedico este trabalho a meu pai, Renato, a  
minha mãe, Leni, e ao filho(a) que cresce  
dentro de mim. O amor tudo supera.*

## AGRADECIMENTOS

À **Luiza Milano**, que muito mais do que a orientadora desta dissertação, foi inspiração para trabalhar com o aspecto fônico desde a graduação, que pela sua paixão pelos sons, encanta a muitos alunos. Obrigada por ser a grande inspiradora deste trabalho, e por não desistir de mim.

À **Paola Davi Nolasco Rodrigues Merode**, que mudou minha vida acadêmica e profissional pelas maravilhosas aulas de italiano, no início de 2015. Serei sempre muito grata por ter me ajudado nos primeiros passos nessa língua que amo tanto e ter me dado o que me move.

À **Daniela Norci Schroeder**, exemplo de professora e ser humano, me ensinou a ser professora de língua italiana entre *girandole* e *filastrocche*. *Grazie per esserci*.

Às minhas queridas colegas do mestrado, por terem compartilhado comigo as angústias da pesquisa, por termos crescido e amadurecido juntas, por não termos soltando as mãos umas das outras: **Aline Moretto Costa, Debora Plochanski Haag, Isadora Laguna Soares, Nina Paim Kloss** e **Sara Luiza Hoff**. Acabei, gurias, podemos ir para o Beto Carrero!

Aos meus pais, **José Renato Ottaran** (in memoriam) e **Leni Teresinha Devit Ottaran**, que mesmo em meio às tempestades que se formaram ao longo dessa escrita, sempre foram minha âncora e minha vela.

À **Raquel Brondísia Panizzi Fernandes**, por ter me feito reencantar com o meu objeto, por ter me mostrado caminhos, por fazer com que eu escutasse o meu texto, e com que eu me escute sempre.

Ao **Robson Matte**, por ter estado comigo em um dos momentos mais difíceis de nossas vidas até que ele se tornasse o mais lindo. Obrigada por não soltar minha mão.

Ao **Everton Dalcin**, por ter sempre me incentivado a seguir em frente, dando pitacos valiosos na minha escrita. Obrigada, amigo.

À banca avaliadora, professoras **Alessandra Jacqueline Vieira, Daniela Norci Schroeder** e **Patricia da Silva Valerio**, pela disponibilidade e gentileza de terem lido este trabalho em tão pouco tempo, tenho certeza que as contribuições de vocês serão muito valiosas.

## RESUMO

O processo de aquisição de uma língua, seja ela materna ou estrangeira é bastante complexo. A presente dissertação busca investigar o que nos torna falantes de uma língua, centralizando nossos questionamentos nas noções de escuta, voz e silêncio na aquisição de uma língua a partir da teoria saussuriana. Para tanto, nossas reflexões serão alicerçadas no legado saussuriano a começar com a leitura do Curso de Linguística Geral (1975), pontuando-o com sua versão em italiano (2015) e Escritos de Linguística Geral (2004). Buscaremos uma definição de voz em autores como Bologna (1987), Barthes (2015), Cavarero (2011) e Zumthor (2005), objetivando revelar suas características enquanto conceito teórico. Tentaremos entender o silêncio e seus significados polissêmicos no decorrer da reflexão que faremos acerca da aquisição de línguas. Por fim, chegaremos à noção de escuta como fundamental no processo de apropriação de uma língua. Nossas leituras farão deslocamentos, especialmente no que concerne à teoria de Ferdinand de Saussure, visto que nos interessa pensar as questões apontadas a partir de seu precioso legado para a linguística moderna.

**Palavras-chave:** Aprendizagem de língua; Escuta; Fônico; Saussure; Silêncio; Voz

## RIASSUNTO

Il processo di acquisizione di una lingua, materna o straniera, è piuttosto complesso. Questa dissertazione cerca di indagare su ciò che ci fa parlanti di una lingua, centrando le nostre domande sulle nozioni di ascolto, voce e silenzio nell'acquisizione di una lingua a partire dalla teoria saussuriana. Per fare ciò, le nostre riflessioni si baseranno sull'eredità saussuriana a partire dal *Curso de Linguística Geral* (1975), punteggiato con la sua versione italiana (2015), ed *Escritos de Linguística Geral* (2004). Cercheremo una definizione di voce in autori come Bologna (1987), Barthes (2015), Cavarero (2011) e Zumthor (2005), con l'obiettivo di rivelare le sue caratteristiche come un concetto teorico. Proveremo a comprendere il silenzio e i suoi significati polisemici nel corso della riflessione che faremo sull'acquisizione di lingue. Infine, arriveremo alla nozione di ascolto come fondamentale nel processo di appropriazione di una lingua. Le nostre letture faranno dislocazioni, specialmente per quanto riguarda la teoria di Ferdinand de Saussure, dal momento che siamo interessati a riflettere sulle questioni poste dalla sua preziosa eredità alla linguistica moderna.

**Parole-chiave:** Apprendimento linguistico; Ascolto; Fonico; Saussure; Silenzio; Voce

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do signo linguístico (SAUSSURE, 1975, p. 80 e 81) .....	17
Figura 2: Ilustração das relações sintagmáticas e associativas em comparação com as colunas gregas .....	23
Figura 3: Circuito de fala .....	31
Figura 4: Circuito de fala .....	61

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	7
CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	9
1. REVISITANTO SAUSSURE .....	12
1.1. Saussure e o Curso de Linguística Geral .....	13
1.2. Linguagem, língua e fala .....	14
1.3. A noção de signo .....	17
1.4. O valor linguístico .....	20
1.5. Relações sintagmáticas e associativas como geradoras de valor .....	22
1.6. Analogia .....	25
1.7. O fônico em Saussure .....	26
1.8. A fonologia .....	27
1.9. O circuito da fala .....	31
2. VOZ .....	35
2.1. <i>Monsieur A</i> : o sujeito falante .....	37
2.2. A voz como índice de singularidade do sujeito falante .....	38
2.3. O que a voz não é .....	41
2.4. Em busca de uma definição de voz .....	43
2.5. A voz da flauta .....	48
2.6. A voz na aprendizagem das línguas .....	49
2.7. O silêncio da voz .....	52
2.8. A escuta da voz .....	56
3. ESCUTA .....	58
3.1. <i>Monsieur B</i> : o sujeito ouvinte .....	60
3.2. A escuta na linguística pós-saussuriana .....	64
3.3. Percepção da escuta na língua estrangeira .....	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	75

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Aprender uma língua é uma experiência pela qual todos nós passamos, mas sobre a qual, enquanto falantes, pouco refletimos. Quando se trata da aquisição de uma língua estrangeira, a tarefa de aprendizagem parece mais árdua, especialmente se este momento acontece na vida adulta: o processo natural de aprendizagem da língua materna se transforma em algo mais complexo e cheio de barreiras. Estar alheio ao fato social de uma língua pode causar angústias que, aos poucos, são dissolvidas a medida em que o aprendiz mergulha nessa nova língua. Mas afinal, qual o primeiro passo para a aquisição de uma língua, seja ela materna ou estrangeira? Como, ou a partir de quê, nos tornamos falantes de uma língua?

Desde que comecei meu percurso na língua italiana, me encantei por questões culturais, gastronômicas, históricas e, especialmente, linguísticas. Uma língua que carrega consigo tanto de história, porta-voz de grandíssimos escritores, poetas e musicistas deve, realmente, possuir algo de especial; além disso, seja pelo cenário da forte imigração italiana no sul do país e a presença marcante dos dialetos, sejam pelas telenovelas, que fornecem “cursos de italiano grátis” em rede nacional, muitas pessoas acreditam falar o idioma de Dante Alighieri. Já em minhas primeiras aulas enquanto professora da língua italiana, pude perceber o quanto os alunos confundiam os sons do italiano com os da língua portuguesa, apresentando grandes dificuldades em memorizar corretamente a relação grafema-fonema na língua estrangeira, devido à presença marcante da língua materna.

Os manuais de língua italiana disponíveis no Brasil, pouca ou nenhuma atenção destinam ao aspecto fônico da língua: em sua maioria, apresentam os fones na unidade inicial e esquecem da fonética durante todo o percurso, afinal, a gramática precisa ser ensinada. Assim, ainda que de maneira intuitiva, comecei a inserir trava-línguas em minhas aulas, acreditando que desta forma os alunos teriam um contato maior com o aspecto fônico, internalizando-o de modo lúdico. Mas isso não foi suficiente para aquietar minha angústia docente em relação à aquisição dos sons. Com a chegada e popularização do aplicativo WhatsApp no Brasil, surgiu outra ideia para que os alunos entrassem em contato com a língua de maneira mais intensa: a criação de grupos da turma, para o qual cada aluno deveria mandar um áudio, ao menos uma vez na semana, sobre um argumento pré-determinado em aula, desta forma eles ouviriam a pronúncia dos outros colegas e, o que nos é mais caro, a sua própria pronúncia, a sua voz; surge, assim, a escuta do outro e sua própria escuta em meio virtual. É evidente que a ideia de falar

para o outro, deixando algo registrado, e escutar-se, apresentou muita resistência, os alunos tinham vergonha de escutar-se, a própria voz causava estranhamento e eles não se reconheciam. Assim se formava o embrião da presente dissertação.

Com o início do mestrado, tive certeza de querer investigar questões de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, inicialmente minhas indagações eram mais voltadas ao campo da fonética e fonologia. No entanto, a partir da minha inserção no grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Ely Milano, das leituras feitas em voz alta de obras saussurianas e das disciplinas cursadas no PPG Letras, o objeto de pesquisa foi se redesenhando. Entender como um aluno começa a apreender determinada língua estrangeira, qual o momento inicial de aprendizagem e quais questões perpassam a aquisição ganhou papel central.

Assim, a partir de minha experiência em sala de aula e das discussões ocorridas durante o percurso acadêmico, surgiu a seguinte pergunta: qual o papel da escuta na aprendizagem das línguas? A partir desse questionamento, outras questões acabaram vindo à tona: falar de escuta é também falar de silêncio? Qual o lugar do silêncio no circuito da fala saussuriano e na aquisição das línguas? Qual o lugar da voz na aprendizagem das línguas? A partir do que nos tornamos falantes de uma língua?

O presente trabalho não se pretende filológico, mas tendo Saussure estudado linguagem, língua e fala, queremos pensar o lugar da escuta, voz e silêncio a partir de um enfoque saussuriano, já que ele é o fundador da linguística moderna. Para tanto, as principais obras consultadas foram o Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1975), bem como as preciosas notas do linguista italiano Tullio De Mauro, presentes na versão italiana do mesmo livro (SAUSSURE, 2015), e Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2004). Ao mergulhar na obra saussuriana, qual não foi minha surpresa acerca do quanto a linguística italiana é engajada com o legado do mestre genebrino: Tullio De Mauro escreveu 305 notas explicativas para o Curso, além de traduzi-lo do francês para o italiano; Giuseppe D’Ottavi, que contribui para o campo com um importante artigo no qual discute a posição do ouvinte na proposta saussuriana; Maria Pia Marchese, que organizou e publicou “*Phonétique. Il manoscritto do Harvard Houghton Libray*” (1995); Daniele Gambarà, atual presidente do *Cercle Ferdinand de Saussure*; Marina De Palo, Massimo Prampolini, para citar alguns dos principais expoentes no campo dos estudos saussurianos na Itália.

Dessa maneira, a trajetória de pesquisa presente nesse trabalho foi desenvolvida em três capítulos. No capítulo 1, nomeado Revisitando Saussure, buscamos conhecer um pouco da vida de Ferdinand Saussure, grande inspirador desse trabalho e como sua principal obra, o Curso de

Linguística Geral, foi elaborado (cf. seção 1.1.). Logo em seguida, abordamos alguns dos principais conceitos saussurianos como linguagem, língua e fala (cf. seção 1.2.), a noção de signo e de valor linguístico (cf. seção 1.3. e 1.4.), as relações sintagmáticas e associativas enquanto geradoras de valor para a língua (cf. seção 1.5.) e a analogia enquanto fenômeno de criação inteligente nas línguas (cf. seção 1.6.); adentramos o aspecto fônico (cf. seção 1.7. e 1.8.) para, finalmente, chegarmos ao circuito da fala (cf. seção 1.9.) e discutirmos seu funcionamento e os papéis do sujeito falante e ouvinte.

No capítulo 2, sob o título Voz, buscamos discutir a noção de voz dentro da aprendizagem das línguas e, para isso, começamos por aquele que a emite, o sujeito falante (cf. seção 2.1.), até defendermos que ela representa o que o sujeito tem de mais particular, (cf. seção 2.2.). Almejando uma definição de voz (cf. seção 2.4.), dissemos o que ela não é (cf. seção 2.3.) e como ela pode ser pensada quando deslocada da linguística (cf. seção 2.5.). Por fim, coube entender seu lugar no aprendizado das línguas (cf. seção 2.6.) e de que maneira o silêncio está imbricado na relação da voz com a escuta (cf. seção 2.7.) para então tratarmos diretamente da escuta da voz (cf. seção 2.8.).

No capítulo 3, intitulado Escuta, almejamos uma definição de escuta a partir de diversos autores, numa tentativa de entender o motivo pelo qual poucos estudos são realizados sobre esse tema no campo da linguística, bem como uma diferenciação entre ouvir e escutar. A partir do percurso traçado, e tendo já apresentado o sujeito falante no capítulo anterior, coube-nos discutir a noção de escuta a partir do sujeito ouvinte (cf. seção 3.1.), revisitando novamente o circuito da fala saussuriano. Ainda nos foi importante entender como a linguística feita a partir de Saussure enxerga a escuta, aquele que fala (cf. seção 3.2.) e de que maneira a percepção da escuta de uma língua estrangeira desenha-se (cf. seção 3.3.), já que aquele que ouve, inicialmente, está alheio ao fato social.

A presente dissertação tem por objetivo, portanto, em um trabalho de cunho mais ensaístico, entender como os conceitos de escuta, voz e silêncio podem repercutir na reflexão sobre a aprendizagem de línguas, seja ela materna ou estrangeira, valendo-se de alguns exemplos das línguas italiana e portuguesa a fim de elucidar nossos pontos de vista. Todas as traduções italiano-português e francês-português são traduções livres feitas pela autora deste estudo.

## 1. REVISITANDO SAUSSURE

Para buscar responder às perguntas que nos inquietam nesta dissertação, dentre elas, e talvez a principal: “Qual o lugar da escuta na aprendizagem das línguas a partir da teoria saussuriana?” faz-se necessário que retornemos aos principais conceitos saussurianos, a fim de esclarecê-los, marcando, assim, nosso ponto de partida; no entanto, este trabalho não se pretende filológico, buscando contextualizar o que seria um possível conceito de escuta nos estudos do mestre genebrino, como fez Stawinski (2016), mas sim formular alguns deslocamentos para o campo da aquisição das línguas a partir de seu legado.

Muito do Saussure que conhecemos hoje é fruto de reflexões de importantes linguistas italianos, como Tullio De Mauro, professor de linguística e filosofia da linguagem, que traduziu o Curso de Linguística Geral para a língua italiana e escreveu 305 notas explicativas, famosas em edições de diversas línguas; Maria Pia Marchese, professora da *Università di Firenze*, desde 2004 é membro do *Cercle Ferdinand de Saussure*, de Genebra, que publicou minucioso trabalho filológico, em 1995, dos cinco cadernos sobre a fonética saussuriana com o título “*Phonétique. Il manoscritto do Harvard Houghton Libray*”; Giuseppe D’Ottavi, jovem linguista italiano, aluno de Tullio De Mauro, pesquisador do manuscrito de Harvard e também membro do *Cercle Ferdinand de Saussure*; Daniele Gambarà, professor da *Università della Calabria* e atual presidente do *Cercle Ferdinand de Saussure*, para listar apenas alguns dos pesquisadores de destaque. Como podemos observar, a linguística italiana desenha-se como um fértil terreno para os estudos saussurianos e assim, no presente trabalho, optamos pela leitura e uso prioritário da versão em italiano do Curso de Linguística Geral<sup>1</sup> (SAUSSURE, 2015) – com algumas comparações com as edições francesa (SAUSSURE, 2005) e brasileira (SAUSSURE, 1975), quando necessário – visto que ela contém as preciosas notas de Tullio De Mauro, ausentes na versão brasileira; no entanto para facilitar o acompanhamento do leitor, as citações no corpo do texto serão feitas a partir da edição brasileira.

Ferdinand Mongin de Saussure (1857-1913) é considerado um solitário<sup>2</sup>, e De Mauro aponta uma possível explicação para o seu isolamento humano e seu longo silêncio científico: o nosso mestre genebrino era, antes de tudo, um estudioso. Cidadão suíço, ou seja, imerso em uma região plurilíngue, nasce no seio de uma família dedicada aos estudos naturais, aos 13 anos

---

<sup>1</sup> Doravante, as referências ao Curso de Linguística Geral serão indicadas por Curso.

<sup>2</sup> A despeito da vida e obra de Ferdinand de Saussure, sugere-se a biografia de JOSEPH, John. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

é introduzido ao estudo da gramática comparada, e um ano mais tarde escreve seu primeiro artigo sobre o tema. Por influência da família, inicia seus estudos na Universidade de Genebra na área das ciências naturais, mas aos 19 anos, depois de dois semestres, decide dedicar-se aos estudos literários e linguísticos. A partir desse passo, inicia-se oficialmente sua carreira como linguista, que se aproximará de Michel Bréal, então o maior nome do comparatismo francês, e isso, mais tarde, fará com que Saussure receba a oportunidade de ensinar em Paris, na *École des Hautes Études*, a partir de 1881.

### 1.1. Saussure e o Curso de Linguística Geral

Entre os anos de 1907 e 1911, na Universidade de Genebra, aconteceram três cursos nos quais o professor Ferdinand de Saussure, ao expor suas ideias, mudou para sempre o destino dos estudos linguísticos, sendo posteriormente considerado o fundador da Linguística Moderna. Não existem dúvidas de que Saussure trabalhou muito na preparação desses cursos, dadas as inúmeras páginas manuscritas que hoje conhecemos; foi a ocasião para dar uma forma de exposição didática a uma quantidade de problemas teóricos da disciplina que ele amadurecia há mais de vinte anos. No ano de 1916 é publicado o Curso de Linguística Geral, obra póstuma atribuída a Saussure, que fora composta, a partir da compilação de anotações de seus alunos, pelos colegas, e ex-alunos dos anos de ensinamento em Paris, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946).

O Curso propõe-se a ser uma obra acabada, uma síntese, com base no terceiro curso – De Mauro deixa claro que “o terceiro curso é a base da obra, mas não do ordenamento”<sup>3</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 368), já que muitos rearranjos foram feitos na composição do livro –; no entanto, os editores sabiam das dificuldades que teriam de enfrentar: não se tratava simplesmente de juntar e imprimir as notas dos alunos, mas de transformar, de forma organizada, em uma obra escrita, os complexos e numerosos conteúdos comunicados oralmente por Saussure. Tullio De Mauro observa, na página VII da introdução da edição italiana do Curso, que as aulas de Saussure eram “meio vazias”, mas a partir de seus ensinamentos

---

<sup>3</sup> No original: “Il terzo corso è la base dell’opera, ma non dell’ordinamento” (SAUSSURE, 2015, p. 368). A nota 12 esclarece como cada curso de Saussure, entre 1907 e 1911, foi utilizado para a composição do livro Curso de Linguística Geral.

formaram-se aqueles que “guiaram a moderna linguística”, como Paul Passy, Maurice Grammont, Antoine Meillet, Charles Bally e Albert Sechehaye.

Nas páginas que se seguem, pretende-se introduzir alguns dos principais conceitos saussurianos presentes no Curso, com algumas incursões pelos Escritos de Linguística Geral<sup>4</sup> (2004). Sabe-se que o Curso traz muitos outros argumentos importantes, que não serão abarcados aqui, pois o objetivo desta exposição é identificar os temas que permitam compreender o pensamento central do mestre genebrino, a fim de, posteriormente, traçar uma reflexão acerca do lugar da escuta na aprendizagem das línguas.

## 1.2. Linguagem, língua e fala

A primeira questão apresentada no Curso é a delimitação do campo de estudos, definindo, assim, o objeto da ciência que pretende desenvolver. Para tanto, o autor distingue linguagem de língua e, mais posteriormente, de fala:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social: não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1975, p. 17)<sup>5</sup>.

Portanto, entendemos a linguagem como a capacidade, a faculdade, a possibilidade simbólica do ser humano; é esse dispositivo que possibilita a existência da língua, tendo, ao mesmo tempo, um lado individual – quando tomado por seu aspecto de produção de fala – e um lado social – quando olha-se para a língua enquanto objeto compartilhado por uma massa falante –; além disso, “a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do

<sup>4</sup> No ano de 2002, Simon Bouquet e Rudolf Engler publicam *Écrits de Linguistique Générale*, obra que reúne em uma única edição um conjunto de textos saussurianos, como os manuscritos descobertos em 1996. A obra ganha sua tradução para o português em 2004.

<sup>5</sup> A título de comparação, encontramos nos Escritos de Linguística Geral a seguinte definição “Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são *as línguas*, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de *linguagem* é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica séria” (SAUSSURE, 2004, p. 128-129).

passado” (SAUSSURE, 1975, p. 16), ou seja, existe um laço indissociável entre as duas faces do fenômeno linguístico.

Saussure (1975, p. 27) deixa claro que

o estudo da linguagem comporta [...] duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e a psico-física.

A língua, entendida por Saussure como sistema, não como idioma<sup>6</sup>, “primeiro lugar entre os fatos de linguagem” (SAUSSURE, 1975, p. 17), é o produto social da linguagem, “instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 1975, p. 18), ou seja, se faz necessária uma massa falante para que haja língua, ela não existe fora do fato social; além disso, é depositada no cérebro de cada pessoa de forma passiva, é um conjunto de convenções adquirido por meio da escuta de outros indivíduos. Não está comprovada que a função da linguagem seja inteiramente natural, ela é esperada, mas não inata ou biológica, não podemos tomar seu ciclo como o ciclo da natureza.

O exercício da linguagem na língua gera a fala. E a fala é o “ato individual da vontade e inteligência do sujeito” (SAUSSURE, 1975, p. 22); a fala não é necessariamente a realização fônica, mas a apropriação individual da língua, ou seja, a condição para que exista língua é ouvir a fala, é estar em contato, exposto às falas de outros sujeitos, sejam elas orais ou gestuais; Saussure (1975, p. 27) acredita que é a partir da fala que a língua evolui: “são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”, ressaltando, assim, a interdependência entre língua, fala e escuta.

Enquanto a fala é um objeto de natureza concreta – já que pode, por exemplo, ser registrada pela escrita, ainda que de maneira inexata, como em uma transcrição fonética –, a língua não existe como unidade, ela é virtual – caso contrário, teríamos de reunir todos os sujeitos que já falaram, os que falam e os que ainda falarão, pois “a língua não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 1975, p. 21). Segundo D’Ottavi (2010, p. 74), “o que se pode classificar como concreto na língua é o produto de interações complexas de forças físicas, fisiológicas e mentais e a realidade linguística se dá somente no momento no qual o indivíduo projeta sobre ela a sua subjetividade de falante”<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Uma definição de idioma, encontrada no corpus saussuriano, é o “conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época” (SAUSSURE, 2004, p. 116), portanto, não se confunde com língua, já que esta é entendida como sistema.

<sup>7</sup> No original: “ciò che si può qualificare come *concreto* nella lingua è il prodotto di interazioni complesse di forze fisiche, fisiologiche e mentali e la realtà linguistica si dà solo nel momento in cui l’individuo vi proietta la sua soggettività di parlante” (D’OTTAVI, 2010, p. 74).

Ainda na tentativa de elucidar língua e fala, encontramos a seguinte passagem nos Escritos de Linguística Geral (2004, p. 232):

a linguística, eu ousar dizer, é vasta. Em especial ela comporta duas partes: uma que está mais perto da língua, depósito passivo, outra que está mais perto da fala, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco na outra metade da linguagem.

Nota-se, com isso, a relação desses dois elementos constituintes da linguagem, sendo que “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 1975, p. 27).

Portanto, na função de definirmos as coisas, e não os termos, segundo as palavras do mestre genebrino, podemos considerar a língua como o “produto que o indivíduo registra passivamente”, que sozinho “não pode criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 1975, p. 22). Já a fala é “um ato individual de vontade e inteligência” do sujeito, e é de natureza concreta. A respeito da distinção entre língua e fala, Tullio De Mauro escreve a extensa nota 65 na edição italiana do Curso:

A distinção entre *langue* e *parole* tem caráter dialético evidente (cf. Frei 1952): a *langue* (também entendida aqui como "esquema": CLG 21 n. 45) é o sistema de limites (naturalmente arbitrários e, portanto, de ordem social e histórico: CLG 99 seguintes, 194 seguintes) dentro do qual são colocadas, identificando-se funcionalmente (CLG 150 n. 217), as "significações" e realizações fônicas do falar, isto é, as significações e as fonias dos atos individuais de *parole*; este sistema regula a *parole*, vigora sobre ela; e nisso reside sua única razão de ser (os seus limites, isto é, as distinções entre um significado e outro, entre uma entidade significante e outra, não dependem de qualquer causa determinante inerente à natureza do mundo e do espírito ou dos sons); então pode-se dizer que a *langue* vive na regulação da *parole*<sup>8</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 385-386).

Assim, De Mauro observa o caráter dialético do par língua e fala, estando a língua a servir como sistematização da fala, ficando evidente seu caráter social. Concordamos com o linguista italiano que “a *parole* é portanto, para Saussure, tanto uma ação comunicativa quanto o resultado particular, o material linguístico particular utilizado na ação assim como é utilizado naquele ato comunicativo”<sup>9</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 389), ou seja, serve para comunicar algo, já que se dirige a alguém, e reflete sempre a singularidade do sujeito.

<sup>8</sup> No original: La distinzione di *langue* e *parole* ha evidente carattere dialettico (crf. Frei 1952): la *langue* (intesa anche qui come “schema”: CLG 21 n. 45) è il sistema dei limiti (naturalmente arbitrari, e perciò d’ordine sociale e storico: CLG 99 sgg., 194 sgg.) entro cui si collocano, identificandosi funzionalmente (CLG 150 n. 217), le “significazioni” e le realizzazioni foniche del parlare, cioè le significazioni e le fonie dei singoli atti di *parole*; tale sistema regola la *parole*, vige su di essa; e in ciò risiede la sua unica ragione d’essere (i suoi limiti, e cioè le distinzioni tra un significato e un altro, tra una entità significante e un’altra, non dipendono da alcuna causa determinante insita nella natura del mondo e della mente o in quella dei suoni); cosicché può dirsi che la *langue* vive nel regolare la *parole*” (SAUSSURE, 2015, p. 385-386).

<sup>9</sup> No original: “La *parole* è dunque, per S., tanto un’azione comunicativa quanto il particolare risultato, il particolare materiale linguistico utilizzato nell’azione così come è adoperato in quell’atto comunicativo” (SAUSSURE, 2015, p. 389).

Por fim, lembramos ainda os ensinamentos saussurianos sobre a língua: “o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento” (SAUSSURE, 1975, p. 27). Parece-nos que isso ocorre de maneira mais natural com a língua materna, já que o sujeito é exposto desde sempre à fala de outros sujeitos da mesma comunidade linguística, mas quando voltamos nosso olhar para a língua estrangeira, esse “adestramento” para utilizar o termo cunhado na edição italiana, torna-se mais latente, visto a necessidade de intervenções de um professor e grandes esforços do aprendiz, especialmente no que concerne a escuta, pois é através dela que a língua é depositada no cérebro dos sujeitos.

### 1.3. A noção de signo

A língua é o principal sistema de signos que exprimem ideias – existem outros como as placas de trânsito, por exemplo. O signo, por sua vez, não é a união de uma coisa e uma palavra, ainda que uma séria intervenção dos editores do Curso possa causar essa impressão. Tullio De Mauro esclarece que dentre as imagens presentes nas páginas 80 e 81 do Curso, a terceira, com o desenho da árvore, foi uma adição dos editores, bem como as flechas de todas as figuras.

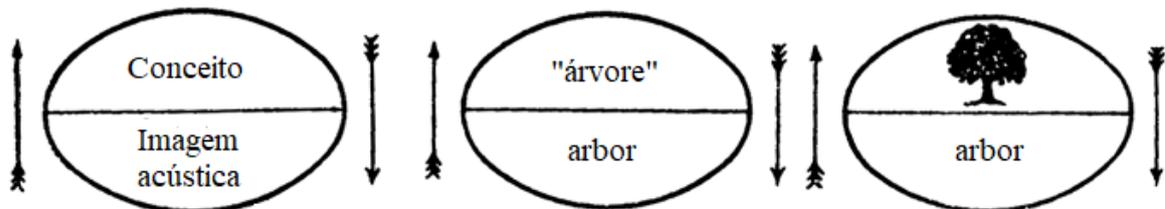


Figura 1: representação do signo linguístico (SAUSSURE, 1975, p. 80 e 81)

O resultado de tudo isso é que o leitor tem a impressão de que, de acordo com Saussure, o significante seja a palavra, o significado seja a imagem de uma coisa, e que um chame o outro, apoiando aqueles que pensam a língua como nomenclatura. Assim, desliza para os antípodas da concepção saussuriana<sup>10</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 412).

Portanto, signo é uma unidade psíquica (de duas faces), já que podemos falar conosco sem movermos os lábios; seu conceito inicial, forjado por Saussure, é a junção de um conceito e uma imagem acústica (que não é um som material nem realização fônica, mas a impressão

<sup>10</sup> No original: “Il risultato del tutto è che il lettore ha l’impressione che secondo S. il significante sia il vocabolo, il significato sia l’immagine d’una cosa, e che l’uno richiami l’altro così come sostengono coloro che pensano la lingua come nomenclatura. Si scivola così agli antipodi della concezione saussuriana” (SAUSSURE, 2015, p. 412).

psíquica desse som, uma imagem mental que reside no cérebro). Marina De Palo (2016, p. 37) esclarece que “o signo, e consequentemente o *signifié*, não é de natureza introspectiva, mas social e sistêmica; isso não depende da vontade do indivíduo, mas constitui a ponte da intersubjetividade, produto das circunstâncias históricas e sociais”<sup>11</sup>.

Será apenas no 3º curso, ministrado em Genebra em 1911, que Saussure adotará os termos significado e significante para substituir, respectivamente, conceito e imagem acústica, por serem nomes que se relacionam ao mesmo tempo em que se opõem. Na nota 128, Tullio De Mauro traz um importante fato histórico acerca dos termos utilizados pelos editores, que nos parece importante retomarmos:

Durante o terceiro curso, na aula de 2 de maio, Saussure aborda o segundo capítulo da parte “*La langue*”: depois de ter lidado com o capítulo “*La langue séparée du langage*”, utilizado pelos editores como base para a introdução do Curso, ele passa para o segundo capítulo, que propõe chamar primeiro de “*Nature du signe linguistique*”. No *signe* “*une image acoustique est associée à un concept*”. Duas semanas depois, em apêndice da aula de 19 de maio, Saussure retorna ao segundo capítulo, propondo um novo título e **introduzindo dois novos termos**. O novo título é “*La langue comme système de signes*”: surge, evidentemente, do fato de que, tendo esclarecido e discutido os dois princípios fundamentais mantém as consequências referentes às entidades da língua, Saussure deve ter percebido claramente a possibilidade de propor como tema do capítulo não mais a pesquisa genérica sobre a “natureza do signo”, mas uma tese específica sobre a interpretação da língua como sistema de signos. O novo título foi ignorado pelos editores.

Quanto aos novos termos, tratam-se de dois termos famosos, pedras angulares da extrema sistematização concebida por Saussure [...]. É, de fato, o selo, no nível terminológico, da plena consciência da autonomia da *langue*, como um sistema formal, a partir da natureza auditiva ou acústica, conceitual ou psicológica ou objetual das substâncias que ela organiza. *Signifié* e *signifiant* são os “organizadores”, os “discriminadores” da substância comunicada e da substância comunicante. A introdução dos dois termos é, portanto, uma **consequência do princípio da arbitrariedade radical do signo linguístico**. Os editores misturaram (com medo de perder alguma coisa) a terminologia antiga e nova. E alguma coisa se perdeu: o sentido de possível contraste entre as duas terminologias, o nexos da nova terminologia com mais profundo significado do princípio da arbitrariedade<sup>12</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 408, grifos nossos).

<sup>11</sup> No original: “Il segno, e di conseguenza il *signifié*, non è di natura introspettiva, ma sociale e sistemica; esso non dipende dalla volontà dell’individuo, ma costituisce il ponte dell’intersoggettività, il prodotto delle circostanze storiche e sociali” (DE PALO, 2016, p. 37).

<sup>12</sup> No original: “Durante il terzo corso, nella lezione del 2 maggio, S. affronta il capitolo secondo della parte “*La langue*”: dopo avere trattato il cap. “*La langue séparée du langage*”, utilizzati dagli edd. come base dell’introduzione del CLG, egli passa al capitolo secondo, che propone di chiamare dapprima “*Nature du signe linguistique*”. Nel *signe* “*une image acoustique est associée à un concept*”. Due settimane più tardi, in appendice alla lezione del 19 maggio, S. torna sul secondo capitolo proponendo un nuovo titolo e introducendo due nuovi termini. Il nuovo titolo è “*La langue comme système de signes*”: esso nasce, evidentemente, dal fatto che, chiariti e discussi i due principi fondamentali trattene le conseguenze per quanto riguarda le entità della lingua, S. deve avere percepito con chiarezza la possibilità di proporre come tema del capitolo non più la generica ricerca sulla “natura del segno”, ma una specifica tesi sulla interpretazione della lingua come sistema de segni. Il nuovo titolo è stato ignorato dagli edd.

Quanto ai nuovi termini, si tratta di due termini famosi, chiavi di volta dell’estrema sistemazione concepita da S. [...]. Essa in realtà è il sigillo, sul piano terminologico, della piena consapevolezza dell’autonomia della *langue*, come sistema formale, dalla natura uditiva o acustica, concettuale o psicologica o oggettuale delle sostanze che essa organizza. *Signifié* e *signifiant* sono gli “organizzatori”, i “discriminatori” della sostanza comunicata e della

Como já anunciado na nota de De Mauro, o signo possui dois princípios: o do arbitrário e da linearidade. Não existe um laço natural ou lógico que una o significado ao significante, por isso ele é arbitrário, e disso resultam as diferenças entre as línguas – mesmo nas onomatopeias isso pode ser comprovado: um cachorro latindo em português seria “au au”, em italiano “bau bau”, em inglês “woof woof” –; cada língua recorta arbitrariamente os significantes e os significados, portanto os signos, no âmbito do espaço fônico e semântico. O sistema fônico ao qual o indivíduo está exposto faz com que ele, através de sua consciência, perceba determinados sons e não outros, o que existe, nesse caso, é a incompreensão do fato social, não dos sons em si.

Entretanto, faz-se necessário refletir sobre o termo “arbitrário” dentro do pensamento saussuriano, especialmente à luz da nota 136 de De Mauro. O linguista italiano afirma que na explanação sobre a arbitrariedade, um termo fora suprimido pelos editores no Curso, já que a frase original seria: “o laço que une o significante ao significado é **radicalmente** arbitrário” e, segundo De Mauro, “visto que se trata de uma formulação sobre a qual Saussure pensou e repensou, dificilmente se possa imaginar que o advérbio seja usado como um mero reforçativo pleonástico”<sup>13</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 412). Para o genebrino, arbitrário é sinônimo de imotivado, autônomo, independente, portanto, podemos afirmar que a língua é autônoma, assim como os signos que a compõem, e esse radicalismo se deve por ligar duas entidades também recortadas de maneira arbitrária.

Enquanto o primeiro princípio, o da arbitrariedade, é semiológico e diz respeito aos signos em geral, não somente aos signos linguísticos; o segundo princípio, da linearidade, diz respeito mais especificamente ao significante do signo linguístico, que é de natureza auditiva e se desenvolve no tempo.

Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos, etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia (SAUSSURE, 1975, p. 84).

É o próprio Saussure a apontar que este princípio é tão importante quanto o da arbitrariedade, e suas consequências, incalculáveis. Se voltarmos nosso olhar para a escuta, e direcionarmos o princípio da linearidade para o significante ouvido, percebemos o quanto ele

---

sostanza comunicante. L'introduzione dei due termini è, cioè, una **conseguenza del principio della radicale arbitrarietà del segno linguistico**. Gli edd. hanno mescolato (timorosi di perdere qualche cosa) a vecchia e la nuova terminologia. E qualcosa si è perduto: il senso de possibile contrasto tra le due terminologie, il nesso della nuova terminologia con più profondo significato del principio dell'arbitrarietà” (SAUSSURE, 2015, p. 408, grifos nossos).

<sup>13</sup> No original: “poiché si tratta d'una formulazione cui S. ha pensato e ripensato, difficilmente si può immaginare che l'avverbio sia usato come un generico rafforzativo pleonastico” (SAUSSURE, 2015, p. 412).

reflete nela. Nós escutamos de maneira linear e temos dificuldades em recortar unidades sonoras que estão sobrepostas, mas conseguimos distinguir inúmeros signos visuais simultaneamente.

Ainda assim, De Mauro pondera que, “do ponto de vista do método de investigação, isto é, para estudar o signo em sua realidade signo, é necessário considerá-lo no sistema do qual repete seu valor”<sup>14</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 424); portanto, passemos para a próxima seção, na qual abordaremos a noção de valor linguístico a partir do Curso.

#### 1.4. O valor linguístico

Com relação à noção de valor que o signo linguístico adquire dentro do sistema, os editores do Curso compilam um rico material a partir, segundo a nota 224 de Tullio De Mauro (SAUSSURE, 2015, p. 436), das aulas finais do 3º curso, ministradas por Saussure entre 30 de junho e 4 de julho de 1911 a um grupo de alunos relativamente capacitados, o que possibilita ao professor trabalhar com os pontos mais árduos da teoria linguística.

Sabe-se que em linguística nada é dado de antemão, pois “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1975, p. 15) e esse será um axioma saussuriano importante para tratarmos da noção do valor linguístico. Segundo o mestre genebrino, a língua é um sistema de valores puros que se constitui entre duas massas amorfas: o pensamento e o som; seu papel é servir de intermediária entre pensamento e som. A combinação entre pensamento e som produz uma forma, não uma substância. É importante lembrar que, quanto ao pensamento, “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes da língua” (SAUSSURE, 1975, p. 130); quanto aos sons, “a substância fônica não é mais fixa, nem mais rígida (SAUSSURE, 1975, p. 130).

Os valores dos signos dentro do sistema são relativos, já que são estabelecidos pela coletividade e determinados por aquilo que os rodeia – o indivíduo sozinho não tem o poder de alterá-los.

Todo o valor de um signo depende, através do sistema, da sociedade que mantém vivo o complexo do sistema e, portanto, dos eventos históricos da sociedade, [...] de modo que o valor linguístico é radicalmente social e radicalmente histórico (ou, se se preferir um termo menos equívoco, contingencial)<sup>15</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 424).

<sup>14</sup> No original: “Dal punto di vista del metodo de indagine, cioè significa che, per studiare il segno nella sua realtà di segno, occorre considerarlo nel sistema da cui ripete il suo valore” (SAUSSURE, 2015, p. 424).

<sup>15</sup> No original: “Tutto il valore d’un segno dipende, attraverso il sistema, dalla società che tiene in vita in quel certo modo il complesso del sistema, e, quindi, dalle vicende storiche della società [...], sicché il valore linguistico è

Os conceitos não são dados de antemão, ou existiriam sinônimos perfeitos de uma língua para outra. Os valores correspondem a conceitos, definidos “negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (SAUSSURE, 1975, p. 136), ou seja, os valores são estabelecidos a partir de suas relações de oposições com outros signos da língua.

Saussure opta por trabalhar “sobre as palavras” que não correspondem exatamente à unidade linguística, mas ilustram o signo linguístico. Ao abordar o signo linguístico a partir de seu aspecto material, ou seja, o significante, o mestre genebrino (1975, p. 137) deixa muito claro que “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação”, ou seja, a imagem vocal que possa haver de determinado signo importa menos do que a relação que ela terá dentro do sistema, e quem será responsável por fazer essa distinção será o *Monsieur B*, ou seja, aquele que escuta.

Nos estudos linguísticos inaugurados por Saussure, o som não pertence por si mesmo à língua, ele é um dos elementos que dá suporte a ela, sustenta um lugar em que se possa produzir diferenças, mas poderia ser outro, como os gestos nas línguas visuoespaciais<sup>16</sup>. Os “elementos fônicos”, para seguir a nomenclatura dos manuscritos, “são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (SAUSSURE, 1975, p. 138).

A nota 236<sup>17</sup>, de Tullio De Mauro, esclarece que nas fontes manuscritas o termo usado é “elementos fônicos” ou “sonoros” e não fonema, como utilizado pelos editores do Curso; algumas notas adiante, outro deslizamento dos editores é apontado pelo linguista italiano: no Curso, na seção “O signo considerado na sua totalidade”, encontramos a proposição “a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças **fônicas** resultantes deste sistema” (SAUSSURE, 1975, p. 139, grifos nossos), porém De Mauro observa que “nas fontes manuscritas falta o adjetivo *phonique*. Saussure fala de ‘*différences des signifiés*’ e ‘*entre signifiants*’, ou seja, entre classes de entidades abstratas”<sup>18</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 443).

Podemos observar este lugar da diferença nos exemplos fonéticos comparativos do português e italiano: em português, a oclusiva alveolar desvozeada [t] e a africada alveopalatal

---

radicalmente sociale e radicalmente storico (o, se si preferisce un termine meno equivoco, contingenziale)” (SAUSSURE, 2015, p. 424).

<sup>16</sup> Para saber mais sobre uma reflexão saussuriana das línguas visuoespaciais, sugere-se a leitura da dissertação de Laura Amaral Kümmel Frydrych, O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana, disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>. Acesso em 28/07/2018.

<sup>17</sup> No original: “Nelle fonti ms del passo si parla di “éléments phoniques” o “sonores”, non di “phonèmes”, termine qui e altrove introdotto dagli edd. a designare le unità funzionali” (SAUSSURE, 2015, p. 443).

<sup>18</sup> No original: “nelle fonti ms manca l’aggettivo *phonique*. S. parla di ‘*différences des signifiés*’ e ‘*entre signifiants*’, ossia, tra le classi di entità astratte” (SAUSSURE, 2015, p. 443).

desvozeada [tʃ] não têm diferença de valor para a palavra “tia”; já em italiano, por exemplo, é a dupla africada alveopalatal desvozeada [tʃ] e fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] que não distinguem valor na palavra “*sedici*” (dezesseis), que será pronunciada como [ˈseditʃI] em um italiano standard, ou [ˈsediʃI] por um romano.

Todavia, ao analisarmos os vocábulos “*mattina*” (manhã) e “*macina*” (3ª pessoa singular do verbo moer), espera-se as pronúncias [matˈtina] e [maˈtʃina], respectivamente; porém, um aprendiz iniciante, cuja língua materna é o português, terá a tendência de reproduzir esses vocábulos, a partir da analogia com sua língua materna como [maˈtʃina] e [maˈsina], respectivamente, gerando assim novos valores. Podemos observar, portanto, que na língua italiana a oclusiva alveolar desvozeada [t] e a africada alveopalatal desvozeada [tʃ] ocasionam mudança de valor, o que não acontece, por exemplo, em português.

Conclui-se que o valor não se encontra nas características articulatórias ou acústicas das unidades sonoras, mas se define a partir das relações com outros elementos do sistema, e varia de um sistema para outro, como quando comparamos as línguas portuguesa e italiana.

Apesar disso, poderíamos nos perguntar: qual mecanismo entra em jogo para dar valor à língua? Sabemos que a língua é um sistema de signos, ou seja, de valores, de relações entre unidades ou categorias de diversos tipos; sabemos, ainda, que cada idioma desfruta de uma radical autonomia na constituição do próprio sistema. Porém, descrever o conceito de valor não explica de que maneira os sujeitos falantes constroem as suas mensagens. Saussure (1975, p. 142) explica que “as relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma”, isso quer dizer que aquele que fala opera simultaneamente sobre dois diferentes modos de reagrupar as unidades da língua: as relações sintagmáticas e relações associativas.

### **1.5. Relações sintagmáticas e associativas como geradoras de valor**

O ato de fala vai muito além da execução de uma sequência de sons justapostos, pois logo no início do capítulo dedicado às relações sintagmáticas e relações associativas do Curso nos deparamos com a afirmação: “num estado de língua, tudo se baseia em relações” (SAUSSURE, 1975, p. 142). A partir daí o professor busca explicar como acontecem essas relações, que são de dois tipos simultaneamente. As relações que ocorrem dentro do discurso

são chamadas de sintagmáticas e acontecem de maneira linear (como enunciado no capítulo “A natureza do signo linguístico<sup>19</sup>”), já que os elementos são pronunciados um depois do outro, formando uma cadeia de fala na linha do tempo; o termo ganha valor a partir das relações que estabelece com outros termos em presença.

Existem, ainda, relações que se realizam fora do discurso, as chamadas relações associativas, que acontecem no cérebro graças ao “tesouro depositado pela prática da fala e, outros indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 1975, p. 21); essa relação se dá em ausência, no entanto, normalmente os elementos apresentam algo em comum, mas não sempre, pois “o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existirem” (SAUSSURE, 1975, p. 145), ou seja, a associação pode ser por semelhança e também por diferença, nada impede que um sujeito associe mentalmente ao termo mar, os termos árvore e cachorro, por exemplo.

Saussure ilustra brilhantemente isso com o exemplo das colunas gregas, conforme podemos observar na imagem abaixo. A relação da coluna com a arquitrave que a segura pode ser comparada à relação sintagmática, uma vez que uma depende da outra e estão presentes no espaço. Já a relação associativa pode ser observada ao olharmos, por exemplo, para uma coluna da ordem dórica e evocarmos, mentalmente, as colunas das demais ordens, que não estão presentes fisicamente, visto que um templo grego clássico é feito de somente um tipo de coluna, entretanto todas elas apresentam algo em comum – são colunas gregas.

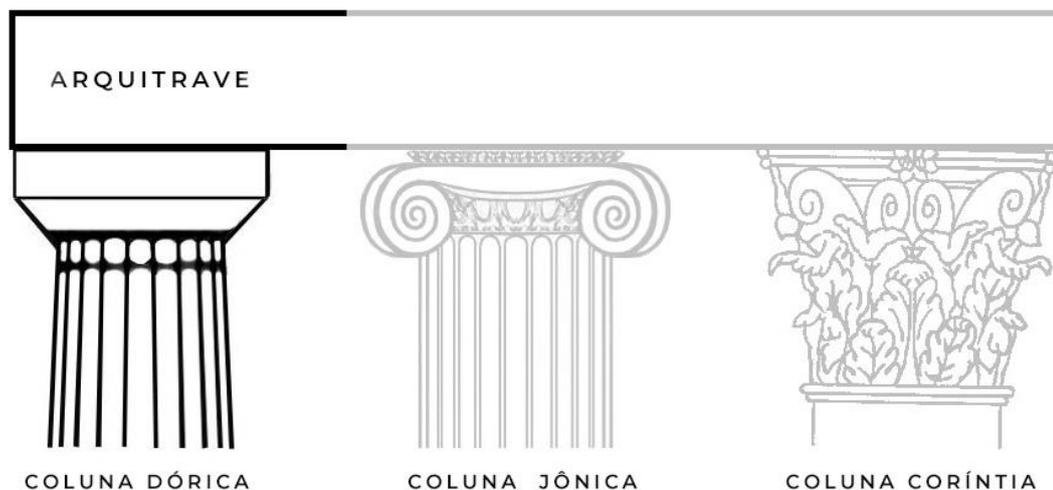


Figura 2: Ilustração das relações sintagmáticas e associativas em comparação com as colunas gregas  
 Fonte: <http://vaniareginahistoria.blogspot.com/2013/09/colunas-gregas.html>, com adaptações. Acessado em 04/08/2018

<sup>19</sup> SAUSSURE, 1975, p. 84.

Ao pensarmos as relações associativas em língua estrangeira, é possível estabelecer os exemplos das palavras “*gelato*” (sorvete), bastante conhecida inclusive dos alunos iniciantes, e “*ghiaccio*” (gelo), termo difícil de ser fixado pelos aprendizes de língua italiana. Pela minha experiência docente, pude observar que quando os alunos não sabem, ou esquecem, a palavra gelo, usam-na em português com a pronúncia do italiano [‘dʒelo], possivelmente por relações associativas, apesar dessa palavra nada significar em língua italiana. A palavra esperada, “*ghiaccio*” [‘gjaʃfo], é mais difícil de ser lembrada pois há poucas coisas em comum com a sua correspondente em língua portuguesa – tanto fonética quanto ortograficamente. O “tesouro depositado pela prática da fala de outros indivíduos” (SAUSSURE, 1975, p. 21) ainda é pequeno no aprendiz iniciante de língua estrangeira, então as relações associativas ocorrem, muitas vezes, com a língua materna<sup>20</sup>.

A *langue*, para Saussure (1975, p. 148), se constitui de um “conjunto de diferenças fônicas e conceituais”, e isso advém das relações associativas e sintagmáticas, são essas relações que regem o seu funcionamento.

“Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir grupos associativos para fixar nossa escolha” (SAUSSURE, 1975, p. 150-151). Essa afirmação nos parece muito consolidada quando se trata de língua materna, mas se deslocarmos o pensamento saussuriano para a língua estrangeira, especialmente para um aprendiz iniciante ou mesmo um aprendiz intermediário, como funciona esse mecanismo?

Usualmente, o falante tem conhecimento dos níveis de organização da própria língua; um falante nativo (re)conhece e usa todas as combinações e estruturas existentes do sistema linguístico ao qual pertence. Mas o que ocorre com um aprendiz de outra língua? Enquanto aprendiz de francês e falante de italiano, aconteceu-me diversas vezes de o professor dizer em aula algo simples e eu, por não recordar-me como responder em francês, pensei, e falei, em italiano; esse movimento de recorrer à memória da língua estrangeira em que se tem maior “reserva” nem sempre foi consciente: algumas vezes tive a atenção chamada por ter respondido em italiano, sem dar-me conta disso. Saussure (1975, p. 151) afirma que “em realidade, a ideia evoca não uma forma, mas todo um sistema latente, graças ao qual se obtêm as oposições necessárias à constituição do signo”, ou seja, uma palavra evoca toda a *langue*, todo o conjunto

---

<sup>20</sup> Dois textos de Janaína Nazzari Gomes são referências, em Língua Francesa, sobre essa questão: *O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?* (2011, disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/39339>) e *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana* (2016, disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/143112>).

de redes associativas, e o “sistema latente” é o que nos coloca a falar, mas quando um sistema está mais estabelecido do que outro para o falante, é, na maioria das vezes, ao primeiro que ele recorre em caso de hesitação.

## 1.6. Analogia

Existe um fenômeno fundamental no processo de apropriação de uma língua, seja ela materna ou estrangeira: a analogia. Saussure acredita que a analogia forneça o caminho para a compreensão de muitas mudanças linguísticas; é ela quem cria novas unidades da língua, é o processo que permite o enriquecimento necessário às exigências da comunicação, criando termos através de formas já existentes no sistema e conectas por novas relações associativas. Pelo fato de operar por meio das relações sintagmáticas e associativas presentes no estado de língua, a analogia é um fenômeno que pode ser compreendido somente estando no âmbito sincrônico, no mesmo estado de língua.

Conforme a Segunda conferência na Universidade de Genebra, de novembro de 1891, presente nos Escritos de Linguística Geral, a mudança analógica, fator de renovação linguística, representa o lado psicológico e mental, pois aborda uma forma pelo lado da ideia, sendo possível descobrir um sentido. Analogia é “o fenômeno de transformação inteligente” (SAUSSURE, 2004, p. 139), visto que depende da consciência do falante. Notemos, assim, a figura central do sujeito falante no processo de analogia. De Mauro vai falar em “fonte da criatividade da língua, a via através da qual a língua gera o conjunto teoricamente infinito de frases”<sup>21</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 451), mas isso só é possível graças à ação dos sujeitos falantes, que depositaram no cérebro do ouvinte ilimitadas imagens acústicas, a partir das quais ele formou signos e os colocou em relação ao constituir-se como falante.

Segundo Saussure (2004, p. 140), “a operação da analogia é mais viva e fértil na criança porque sua memória ainda não teve tempo de armazenar um signo para cada ideia e, por conseguinte, ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, esse signo”; ora, se nos permitirmos o deslocamento objetivando a aquisição de uma língua estrangeira, o quadro encontrado é bastante semelhante: o aprendiz de uma língua não materna, pelo pouco tempo de

---

<sup>21</sup> No original: “l’analogia è la fonte della creatività della lingua, la via attraverso cui la lingua genera l’insieme teoricamente infinito delle frasi” (SAUSSURE, 2015, p. 451).

exposição à língua-alvo, ainda não teve tempo de armazenar todos os signos linguísticos necessários a sua comunicação, e por isso os tem de criar.

O fenômeno analógico não se cria do nada, “a cada inovação será uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem” (SAUSSURE, 2004, p. 140) e no momento de apropriação da língua estrangeira, os elementos fornecidos são fortemente emprestados da língua materna, pois “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma análoga é uma forma feita à imagem de outra ou de outra, segundo uma regra determinada*” (SAUSSURE, 1975, p. 187). Além disso, o fenômeno analógico é de ordem psicológica, já que surge a partir de um sujeito falante, e é de ordem gramatical, ou seja, pertence ao sistema, ele “supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (SAUSSURE, 1975, p. 191).

Saussure (1975, p. 192) deixa claro que “tudo é gramatical na analogia; acrescentamos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é obra ocasional da pessoa isolada”, e com isso é possível retomar o exemplo já citado do aprendiz de língua italiana, que no caso do vocábulo *mattina* o pronuncia, por associação analógica com a língua materna, [maˈtʃina] enquanto o desejado seria [matˈtina]. O aprendiz entende a alofonia entre a oclusiva alveolar desvozeada [t] e a africada alveopalatal desvozeada [tʃ] em português e replica isso para a língua-alvo, no caso o italiano. Se quisermos extrapolar a barreira sonora, encontramos como exemplo um aluno produzindo as formas *sorella* e *sorello\**, respectivamente, para irmã e irmão; ora, nada mais lógico, já que em português se mantem o mesmo radical, mudando somente a desinência de gênero; no entanto, a forma *sorello\** não existe, nenhum valor é atribuído a ela, pois para designar a palavra irmão existe a forma *fratello*.

Com relação à criação de processos análogos na apropriação de língua estrangeira, Gomes (2016, p. 73) faz um interessante recorte a partir do francês, defendendo que, se analogia é um dos principais processos na criação das línguas, para efetuar analogia o falante já está inserido no sistema na língua-alvo, pois ele identifica unidades linguísticas e cria a partir delas, ou seja, já é um falante-ouvinte da língua estrangeira.

### 1.7. O fônico em Saussure

Ao buscar distinguir a linguística da *langue* da linguística da *parole*, Saussure afirma que a *langue* existe independente das transformações e alterações de sons produzidas na fala. No entanto, existe um efeito do som que deve ser calculado pela ciência da *langue*, ou seja, a impressão produzida no ouvido<sup>22</sup>, visto que é partir daí, dessas impressões, que se constituirá o valor linguístico. Os estudos da linguagem, portanto, podem (e devem) comportar duas partes: a *langue* e a *parole*.

Quando Saussure afirma que “todos os elementos da linguagem, que constituem a fala” (SAUSSURE, 1975 p. 26), são subordinados à ciência da *langue*, podemos perguntarmo-nos: quais são esses elementos? A escuta, segundo acreditamos, está entre os primeiros, pois é a partir dela que o sujeito armazena a língua e se constitui como falante de qualquer idioma, ou seja, fala. No mesmo capítulo do Curso, o autor genebrino nos diz que “para a ciência da língua bastará sempre comprovar as transformações dos sons e **calcular-lhes os efeitos**” (SAUSSURE, 1975, p. 27, grifos nossos) – e o que é o efeito do som, senão a escuta produzida no sujeito falante-ouvinte? A versão italiana do Curso traz a seguinte afirmação: “**somente** ouvindo os outros aprendemos a nossa língua materna”<sup>23</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 29, grifos nossos), importante destacar o advérbio “somente”, que as edições francesa<sup>24</sup> e brasileira suprimem: “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna” (SAUSSURE, 1975, p. 27).

A partir da afirmação do mestre genebrino, podemos ir além da língua materna: é somente ouvindo os outros que aprendemos qualquer língua, seja ela materna ou estrangeira, já que “ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências” (SAUSSURE, 1975, p. 27). Saussure diz que a língua evolui pela fala, pois “são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos” (SAUSSURE, 1975, p. 27), mas antes disso, essas impressões formam nossos hábitos linguísticos, e é por isso que falamos um idioma e não outro, afinal, “o fônico só se torna inteligível quando ancorado em um sistema e o sistema precisa do fônico para ser apreendido” (GOMES, 2016, p. 38).

## 1.8. A fonologia

<sup>22</sup> Neste trabalho, utilizaremos alternadamente os termos “ouvido” e “orelha” como sinônimos, mesmo que no campo anátomo-fisiológico o termo “ouvido” tenha sido substituído por “orelha”. No que diz respeito a uma reflexão linguística deste tema, pode-se consultar Stawinski (2016), esta pesquisadora iniciou sua reflexão sobre o ouvinte em sua dissertação de mestrado, e atualmente vem aprofundando a discussão sobre a escuta no campo da linguística, buscando precisar a diferença conceitual entre esses termos (“ouvido” e “orelha”).

<sup>23</sup> No original: “solo ascoltando gli altri apprendiamo la nostra lingua materna” (SAUSSURE, 2015, p. 29).

<sup>24</sup> Edição francesa: “c’est en entendant les autres que nous apprenons notre langue maternelle” (SAUSSURE, 2005, p. 37).

Ao propor estudos dos sons das línguas, Saussure busca “desapegar-se da letra”, estudando o som por ele mesmo – pois explicar movimentos fonatórios não resolveria o problema da língua. Para tanto, o linguista propõe a distinção entre fonética: estudo das evoluções dos sons, diacrônica; e fonologia: disciplina auxiliar que só se refere à fala, preocupada com os sons dentro do sistema e fora do tempo.

Tullio De Mauro esclarece, na nota 103 (SAUSSURE, 2015, p. 398), que o uso hodierno dos termos fonética e fonologia não condiz mais com as definições saussurianas: fonética é o estudo naturalístico e fonologia o estudo funcional (seja sincrônico ou diacrônico). Milano, no texto “Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral” (2015), aborda as interpretações dos termos fonética e fonologia no âmbito do legado saussuriano. A autora aponta que o termo fonética designa em Saussure “o estudo diacrônico dos sons das línguas” (MILANO, 2015, p. 248), e destaca a importância de um olhar mais atento para o termo fonologia, alertando para o risco de uma interpretação corriqueira do vocábulo, já que “uma leitura atenta permite constatar que se trata de uma fonologia combinatória que leva em consideração as relações entre os fonemas” (MILANO, 2015, p. 248), e com isso descarta a leitura que aproxima a fonologia saussuriana da fonética contemporânea.

Do ponto de vista metodológico do tratamento dos sons das línguas, sobre a escrita fonológica, ou o que hoje podemos aproximar genericamente de transcrição fonética, o professor genebrino (1975, p. 43) faz a seguinte observação: “o linguista exige, antes de tudo, que lhe seja fornecido um meio de representar os sons articulados que suprima qualquer equívoco. De fato, inúmeros sistemas gráficos foram propostos”, no entanto parece-nos que nenhum funcionou perfeitamente. A língua escrita não consegue representar fielmente a oralidade, não existe transcrição fonética que consiga abarcar todas as nuances do fônico, pois são materialidades diferentes, e ainda passa pela escuta, elemento individual e subjetivo; a “transcrição fonética é sempre, em algum grau, uma simplificação e, portanto, em relação à *parole* concreta, equivocada”<sup>25</sup> afirma De Mauro, na nota 105.

Saussure se questiona sobre a substituição do alfabeto atual por um “alfabeto fonológico”, mas conclui que “semelhante escrita obscureceria o que quisesse esclarecer e atrapalharia o leitor” (SAUSSURE, 1975, p. 44). A “escrita fonológica”, segundo Saussure, interessa apenas aos linguistas, no entanto é o próprio que afirma o quanto isso possa ser benéfico no ensino de língua estrangeira: “no ensino de línguas estrangeiras um alfabeto fonético pode ser útil” (SAUSSURE, 1975, p. 44). Tanto é verdade que, a partir da consciência

---

<sup>25</sup> No original: “ogni trascrizione fonetica è sempre in qualche grado semplificante e quindi, in rapporto alla concreta *parole*, equivoca” (SAUSSURE, 2015, p. 400-401).

dos sons os aprendizes podem diminuir suas dificuldades de pronúncia – consciência corporal – como aponta Gomes (2016, p. 54).

De Mauro, ainda na nota 105, citando Martinet, afirma: “obviamente, dependendo do propósito de uma transcrição fonética, a margem de mal-entendidos é redutível: é, portanto, importante saber ‘porque e para quem se transcreve’”<sup>26</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 401). É importante para a consciência do aprendiz de língua estrangeira, para que perceba visualmente as diferenças fônicas que existem em relação à sua língua materna, fazendo que isso gere uma possibilidade maior de consciência fônica<sup>27</sup>. Faz-se necessário reconhecer e delimitar o “sistema fonológico do idioma estudado” (SAUSSURE, 1975, p. 44), e isso interessa aos linguistas, mas também aos professores e aos aprendizes de língua estrangeira. Sabemos que Saussure questiona a relevância do estudo do aspecto fisiológico do ato de fala, pois isso influencia pouco no estudo da língua; ele privilegia o aspecto acústico desse ato, ou seja, o produto sonoro percebido pelo ouvinte, porém concordamos com Gomes (2016, p. 38) ao apontar: “em língua estrangeira, a questão fisiológica parece adquirir outros contornos”.

Durante o trabalho de conclusão de curso na graduação<sup>28</sup>, ao analisarmos dicionários de italiano e livros didáticos utilizados no ensino de língua italiana, constatamos que nenhum dicionário – seja ele monolíngue ou bilíngue – possuía transcrição fonética, no entanto, nos manuais tradicionalmente utilizados em sala de aula, a fonética vem ganhando espaço: alguns apresentam transcrição fonética – trabalhando pares fonéticos de maior dificuldade –, outros somente escuta, reconhecimento e reprodução dos fones. No entanto, acreditamos que os alunos se sentem mais seguros e encorajados a pronunciar determinada palavra quando podem se valer de sua transcrição fonética, memorizando-a mais facilmente.

Ainda no capítulo do Curso dedicado à Fonologia, pela primeira vez é estabelecida a relação teórico-metodológica entre som, língua e representação quando Saussure diz:

Quando se trata de uma língua viva, o único método racional consiste em: *a*) estabelecer o sistema de sons e tal como é reconhecido pela observação direta; *b*) observar o sistema de signos que servem para representar – imperfeitamente – os sons. (SAUSSURE, 1975 p. 47).

<sup>26</sup> No original: “ovviamente, a seconda delle finalità d’una trascrizione fonetica il margine di equivoco è riducibile: appunto perciò è importante sapere ‘perché e per chi si trascrive’” (SAUSSURE, 2015, p. 401).

<sup>27</sup> A nota 107 de Tullio De Mauro trata da grafia italiana, que é quase fonológica, o que nos parece ser um facilitador quando comparada à grafia francesa (SAUSSURE, 2015, p. 401).

<sup>28</sup> Sobre o trabalho: Dificuldades na produção de africadas alveopalatais por falantes de português brasileiro como aprendizes de língua italiana. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000956295&loc=2015&l=bcca004c77517fd3>

Ou seja, o fone é a porta de entrada para os estudos linguísticos, através da percepção da escuta; a partir daí, é possível examinar os símbolos utilizados para representar esses sons, que serão sempre imperfeitos por se tratarem de materialidades diferentes para cada falante.

Saussure não tem por objetivo especificamente estudar e definir fonema, mas tudo indica que o faz por uma necessidade metodológica, visto que é a partir da materialidade fônica que se dará o estudo linguístico. Reforça que muitos fonologistas não consideram o lado acústico, interessados somente pela produção articulatória; no entanto, a impressão acústica produzida no ouvido nos é dada de modo igualmente direto tanto quanto a imagem motriz, e é particularmente essa impressão a base de toda a teoria. Ou seja, um importante alicerce da teoria linguística saussuriana é a impressão acústica.

Ainda no capítulo do Curso intitulado “Princípios de Fonologia”, ao compararmos a edição italiana com a edição brasileira, observamos uma palavra ausente nessa última: “[...] *l'impressione prodotta sull'orecchio ci è data in modo altrettanto diretto dell'immagine motoria degli organi, ma è **proprio** essa, inoltre, che fa da base naturale qualsiasi teoria*” (SAUSSURE, 2015, p. 53, grifo nosso), ou seja, “[...] a impressão produzida na orelha nos é dada de modo igualmente direto da imagem motora dos órgãos, mas é **particularmente** essa, também, a base natural para qualquer teoria”. A palavra *proprio*, que pode ser traduzida por particularmente, é omitida na edição brasileira de 1975, utilizada como fonte nesta dissertação, visto que encontramos: “[...] a impressão produzida pelo ouvido nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também ela é a base de toda a teoria” (SAUSSURE, 1975, p. 49)<sup>29</sup>.

Segundo a nota 111 de Tullio De Mauro, Saussure ultrapassa a noção de fonema concebida por Baudouin de Courtenay – representação psíquica obtida por abstração dos sons linguísticos – até concebê-lo como elemento puramente diferencial e opositivo. “É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio” (SAUSSURE, 1975, p. 50), ou seja, é o ouvido quem faz o recorte de unidade.

A impressão acústica, ou seja, o efeito da escuta, é a responsável pela delimitação dos sons da cadeia falada, no entanto, sua descrição é feita com base no ato articulatório. Para Saussure, “fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada” (SAUSSURE, 1975, p. 51), trata-se, portanto, de uma unidade complexa por englobar produção e escuta do som.

---

<sup>29</sup> Na edição francesa do curso encontramos: “[...] l'impression produite sur l'oreille nous est donnée aussi directement que l'image motrice des organes, mais encore c'est elle qui est la base naturelle de tout théorie” (SAUSSURE, 1967, p. 63).

Ao tratar dos sons na cadeia falada, é importante ressaltar que “na língua não existem apenas sons, mas extensões de sons falados” (SAUSSURE, 1975, p. 62), e esses sons adquirem valor dentro do sistema a partir de suas relações de dependência interna. Ao tratar da pronúncia de sons combinados, “estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido; não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos” (SAUSSURE, 1975, p. 63) especialmente quando se trata de uma língua não materna, e não pela incapacidade articulatória do sujeito falante – o falante sempre busca dar sentido, uma forma àquilo que escuta –, especialmente no italiano, cujas articulações são bastante semelhantes ao português, mas pela falta de consciência fônica, por não conseguir recortar adequadamente a unidade e dar valor aos sons da língua estrangeira para (re)produzi-los.

Visto a importância do aspecto fônico nos estudos saussurianos, conforme abordado nas seções precedentes, e tendo a fala papel primordial na aquisição das línguas, pois através da escuta das falas dos outros nos constituímos como sujeitos falantes, cabe-nos, agora, examinarmos de maneira atenta o circuito de fala, buscando entender como acontece o ato comunicativo.

### **1.9. O circuito da fala**

Ao se observar um ato comunicativo, é possível lançar dois olhares sobre ele: um ingênuo, no qual o processo de comunicação é encarado como natural, ou seja, o sujeito fala assim como respira, e outro problematizador, pelo qual a comunicação se torna difícil de ser explicada, e a compreensão entre os falantes é quase encantadora. É em busca da *langue* que Saussure depara-se com a *parole*, propondo a figura que procura reconstruir seu circuito; observemos, assim, a importância da *parole* para os estudos saussurianos, bem como o papel central do sujeito falante.



Figura 3: Circuito de fala

Adaptado de: SAUSSURE, 1975, p. 19.

No entanto, antes de analisarmos o célebre esquema apresentado no Curso, é preciso lançar um olhar atento às palavras do linguista italiano Giuseppe D’Ottavi (2010, p. 75):

As fontes manuscritas desta passagem relatam em comum somente o desenho dos perfis dos dois personagens: o texto de todo o segundo parágrafo do Curso, p. 19 (que traduz o esquema em palavras), deve ser considerado trabalho dos editores. Pode-se notar que o segmento curto que une, em A e B, a orelha ao centro do cérebro, está presente exclusivamente na página do Curso; os alunos desenham apenas dois arcos de flechas tracejadas que conectam alternadamente a orelha da pessoa à boca: a opção “psíquica” está ausente do esquema original. Isso aparece apenas no diagrama da página seguinte, no qual o psíquico assume a forma estilizada de um “centro associativo” arredondado que combina “imagem verbal” com “conceito verbal” (é apenas em relação a esta segunda ilustração que a referência à dimensão psíquica presente no texto do Curso, p. 20, é confirmada pelas fontes)<sup>30</sup>.

Isso posto, sabemos que estamos diante de uma grande intervenção dos editores, o que não nos exige de examinarmos as palavras reportadas por eles.

A interação entre os dois sujeitos falantes acontece por fases: primeiramente um sujeito, A, decide falar e dizer qualquer coisa a outra pessoa; no cérebro do sujeito A, os fatos de consciência – ou conceitos – estão associados às imagens acústicas, e essa associação é psíquica; segundo Stawinski (2016, p. 46), “quando o locutor produz uma associação entre significante e significado, esta associação é singular; ao chegar no interlocutor, este fará uma nova associação da *forma* escutada, e esta associação não é idêntica à que foi estabelecida pelo locutor”; em seguida, seu cérebro comunica os comandos que serão transmitidos a determinados órgãos da fonação, gerando um processo fisiológico, “que dá substância às

<sup>30</sup> No original: “Le fonti manoscritte di questo passo, riportano concordemente il solo disegno dei profili dei due personaggi: il testo dell’intero secondo capoverso di CLG, p. 21 (che traduce in parole lo schema), è da considerarsi opera degli Editori. Si può notare come il breve segmento che unisce, in A e B, orecchio a centro cerebrale sia presente esclusivamente nella pagina di CLG; gli studenti tracciano solo due archi di frecce tratteggiati che collegano alternativamente orecchio a bocca dei due personaggi: l’opzione ‘psichica’ è assente dallo schema originario. Questa appare solo nel diagramma riportato alla pagina seguente, nel quale lo psichico prende la forma stilizzata di un tondeggianti ‘centre associatif’ che accosta ‘image verbale’ a ‘concept verbal’ (è solo in relazione a questa seconda illustrazione che il riferimento alla dimensione psichica presente nel testo di CLG, p. 22, è confermato dalle fonti)” (D’OTTAVI, 2010, p. 75).

‘imagens acústicas’ na forma de ondas sonoras”<sup>31</sup> (D’OTTAVI, 2010, p. 74). A propagação das ondas sonoras até a orelha do interlocutor B é um processo puramente físico. A estimulação auditiva em B faz com que o circuito aconteça em ordem inversa: da orelha ao cérebro, do fisiológico ao psíquico.

Ao descrever o circuito de fala, Saussure (1975, p. 20) sustenta que ele pode dividir-se em exterior (propagação física dos sons) e interior (associações cerebrais); psíquica e não-psíquica; e uma parte ativa e outra passiva – “é ativo tudo que vai do centro de associação de uma das pessoas ao ouvido da outra, e passivo tudo que vai do ouvido desta ao seu centro de associação”. Por isso, D’Ottavi (2010, p. 76) afirma que,

a audição marca a fronteira não só entre o externo e o interno, mas também entre o que é ativo e o que é passivo: além da orelha se entra no domínio da passividade, este é o único detalhe que parece marcar a identidade de *Monsieur B* em relação a *Monsieur A*<sup>32</sup>.

E da maneira como o circuito da fala é apresentado no Curso,

o que caracteriza o receptor na cena comunicativa saussuriana [...] é na verdade a atitude passiva de seu trabalho: o arranjo simétrico apresenta *Monsieur B* como a imagem espelhada do *Monsieur A* e uma substancial homologia operacional liga os momentos produtivo e receptivo<sup>33</sup> (D’OTTAVI, 2010, p. 77).

Porém, devemos ter cuidado com o olhar ingênuo e apressado ao se colocar a escuta no campo da passividade. É passivo na medida em que os ouvidos estão sempre abertos a receber os sons emitidos pelo interlocutor – é impossível fechá-los completamente, como fazemos com os olhos, o nariz, a boca. Assim, De Mauro escreve a nota 61, esclarecendo como a escuta é ativa:

Como hoje ao contrário sabemos, a audição [...] está longe de poder ser considerada como um mero mecanismo receptivo, um registro inerte. Veja, por exemplo, a conclusão a que chega G. A. Miller, *Langage et communication*, Paris 1956, p. 111: “Perceber o discurso não é algo passivo e automático. Aquele que percebe assume uma função seletiva na resposta a certos aspectos da situação global e não aos outros. Ele responde aos estímulos de acordo com uma organização que ele impõe sobre eles. E substitui a estimulação ausente ou contraditória de uma maneira compatível com suas necessidades e experiências passadas”<sup>34</sup> (SAUSSURE, 2015, p. 385).

<sup>31</sup> No original: “che dà sostanza alle ‘immagini acustiche’ nella forma di onde sonore” (D’OTTAVI, 2010, p. 74).

<sup>32</sup> No original: “L’audizione segna la frontiera non solo tra l’esterno e l’interno, ma anche tra ciò che è attivo e ciò che è passivo: al di qua dell’orecchio si entra nel dominio della passività, ed è questo l’unico dettaglio che sembra segnare l’identità di *Monsieur B* rispetto a *Monsieur A*” (D’OTTAVI, 2010, p. 76).

<sup>33</sup> No original: “ciò che caratterizza il ricevente nella scena comunicativa saussuriana [...] è di fatto l’attitudine passiva del suo lavoro: la disposizione simmetrica presenta *Monsieur B* come il riflesso speculare di *Monsieur A* e una sostanziale omologia operativa lega i momenti produttivo e ricettivo” (D’OTTAVI, 2010, p. 77).

<sup>34</sup> No original: “Come oggi invece sappiamo, l’audizione [...] è ben lungi dal potersi considerare come un mero meccanismo ricettivo, un’inerte registrazione. Si veda ad es. la conclusione cui giunge G. A. Miller, *Langage et communication*, Parigi 1956, p. 111: ‘Percevoir le discours, n’est pas chose passive et automatique. Celui qui perçoit assume une fonction sélective en répondant à certains aspects de la situation globale et non à d’autres. Il répond aux stimuli selon une organisation qu’il leur impose. Et il remplace la stimulation absente ou contradictoire d’une manière compatible avec ses besoins et son expérience passée’” (SAUSSURE, 2015, p. 385).

Também segundo a tese do linguista Giuseppe D’Ottavi (2010, p. 77), com a qual concordamos, “semioticamente, o trabalho necessário para *Monsieur B* não é redutível a uma simples operação de decodificação”, é o ouvinte o responsável por interpretar os atos de *parole*.

Durante o ato comunicativo, o que o falante compartilha é o significante, e é de responsabilidade do ouvinte ligar o feito do significante escutado a um significado, formando um signo, mas não qualquer signo, o mesmo signo que o falante teve a intenção de formar ao se manifestar – ainda no Curso, Saussure fala de um meio termo: “todos produzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 1975, p. 21), signos entendido aqui por “significantes”.

No entanto, não existe uma correspondência perfeita entre as configurações articulatórias e a consciência acústica dos fones, nem entre a consciência acústica e as sensações percebidas pelo ouvido. A partir de uma determinada intenção comunicativa do falante, nada assegura que os fones tenham sempre as mesmas características acústicas, e dadas certas características acústicas de um fone, não é dito que elas provoquem sempre os mesmos efeitos perceptivos no ouvinte. Assim, “quanto ao pressuposto teórico em que se baseia o modelo saussuriano, o sucesso da comunicação verbal está no sucesso da transferência de entidades significativas da mente de um indivíduo para a de outro”<sup>35</sup> (D’OTTAVI, 2010, p. 76).

Assegurada a comunicação, a partir do compartilhamento, pelo fato social, de imagens mais ou menos homogêneas, cabe-nos lançar o olhar para outros componentes presentes no ato de comunicação, dentre eles está a voz, elemento de singularidade do falante, e o primeiro dado capturado, ainda que involuntariamente, pelo ouvido durante a comunicação. Afinal, se é ouvindo os outros que apreendemos nossa língua materna, ou qualquer outra língua, o que, além do signo, está imbricado nessa escuta? Eis a questão que abordaremos no capítulo seguinte.

---

<sup>35</sup> No original: “quanto al presupposto teorico sul quale il modello saussuriano si basa (il successo della comunicazione verbale sta nella riuscita del trasferimento di entità significative dalla mente di un individuo a quella di un altro)” (D’OTTAVI, 2010, p. 76).

## 2. VOZ

Ao retratar o circuito da fala, Saussure apresenta dois sujeitos, *Monsieur A*, o falante, e *Monsieur B*, o ouvinte. Um não existe sem o outro. Como em um espelho, em que a imagem real reflete uma imagem espelhada, aquele que fala, fala para alguém que ouve, e aquele que ouve, ouve alguém que fala. No entanto, antes do processo ativo e criativo de “interpretação dos atos de *parole*” (D’OTTAVI, 2010, p. 77), através de infinitas associações por parte do ouvinte, antes que em seu cérebro seja desencadeado um processo psíquico – que ligará imagens acústicas a conceitos, formando signos – o que ele ouve? O que está no embrião do que o efeito fônico produz? A voz, acreditamos nós, que é, segundo Flores (2015, p. 92) “a materialidade significante por excelência”. Portanto, nos dedicaremos a analisar este elemento ainda tão negligenciado pela linguística.

Mas afinal, o que é a voz? É possível cunhar-lhe uma definição? Por que a linguística se ocupou tão pouco da voz?

A voz é anterior à *parole* e, por isso, prioritária no tempo; assim, nem sempre é a *parole* quem melhor reflete nossos sentimentos, já que a voz é a responsável por trazer algo de exclusivo e particular do sujeito. Para Bologna (1987, p. 58),

a voz existe desde sempre, antes ainda de a linguagem ter início e se articular em palavras para transmitir em mensagens sob a forma de enunciados verbais, isto é, como potencialidade de significação, e vibra como um indistinto fluxo de vitalidade, como um confuso impulso para o querer-dizer, para o exprimir, ou seja, para o existir. A sua natureza é essencialmente física, corpórea; está relacionada com a vida e com a morte, com a respiração e com o sono; emana dos mesmos órgãos que presidem a alimentação e a sobrevivência. Antes mesmo de ser o suporte e o canal de transmissão das palavras através da linguagem, a voz é um imperioso grito de presença, uma pulsação universal e uma modulação cósmica através de cujos trâmites a história irrompe no mundo da natureza.

Ao mesmo tempo, tudo que se relaciona à voz mobiliza campos de diferentes saberes, sem que se encontre, aparentemente, algo em comum que os ligue, como lembra Flores (2017). A linguística, ciência inicialmente mais apropriada a tratar do tema, o aborda de maneira abstrata, o que ganha lugar de destaque é o fonema nos estudos de fonética e fonologia. Maliska (2008, p. 6) argumenta que

a rigor, a Linguística refuta a voz como um objeto central de estudo, os trabalhos que existem nessa área não são tomados como tema central. A voz não tem sido um tema primordial nos estudos linguísticos. Ademais, não são muitos os trabalhos que se dedicam especialmente à voz. Em verdade, a Fonologia não se ocupa da voz, ao contrário, a dejeta por estar extremamente centrada sobre a noção de fonema, um objeto mais “sublime” que mantém relações mais duradouras com a linguagem, não havendo, portanto, espaço para o estudo da voz.

Assim sendo, “a voz tem tantas faces, tantos aspectos, tantas possibilidades de ser escutada que seria, no mínimo, ingênuo reduzi-la à linguística – muito menos à contemporânea” (FLORES, 2017, p. 123). A linguística estuda a voz de modo geral, como emissão sonora, sem pensar a unicidade.

Em outros termos, a voz – estudada na perspectiva da linguagem e, ainda mais, numa perspectiva que entende a linguagem como sistema – torna-se a esfera geral das articulações sonoras na qual a unicidade do som é, paradoxalmente, aquilo que *não* soa. A linguagem enquanto código, a sua alma semântica que aspira ao universal, torna imperceptível, na voz, o *próprio* da voz. A unicidade plural das vozes não passa pelo filtro metodológico do ouvido linguístico (CAVARERO<sup>36</sup>, 2011, p. 25).

Já nos estudos sobre a oralidade, “há um campo da palavra no qual a soberania da linguagem se rende à soberania da voz”, que é a poesia, campo do qual Homero é grande mestre. “É a voz, com seus ritmos sonoros, que organiza as palavras do canto épico. O semântico, ainda não submetido às leis congelantes da escritura, dobra-se à musicalidade do vocálico” (CAVARERO, 2011, p. 25). O que Homero faz é lidar com a voz, na medida em que o som é respeitado e tratado como prioritário em relação ao valor semântico das palavras. O que acontece na poesia homérica é que

os versos homéricos se devem a um método no qual a escolha das palavras é determinada por seu valor métrico, bem mais do que por seu significado. **O vocálico comanda o semântico. O som da palavra é mais importante que o seu *querer-dizer*** (CAVARERO, 2011, p. 103, grifos nossos).

A mesma analogia podemos fazer com um texto bem brasileiro: “Grande sertão: veredas”. O que Guimarães Rosa faz é isso, priorizar o som, pois “há musicalidade, há encadeamento poético, há formações neológicas, há provocações fonológicas” (MILANO, 2017, p. 77-78), ou seja, a musicalidade da voz se sobressai sobre o aspecto semântico das palavras que ela enuncia. No entanto, o que Cavarero traz, e que também encontramos em Guimarães Rosa, parece-nos mais ligado à prosódia do que à unicidade da voz – que será tão marcada com o texto do italiano Italo Calvino “Um rei à escuta”, o qual será tratado mais adiante.

Ao buscarmos entender como a voz é tratada em outros campos do saber, vimos que na filosofia ela tem um papel secundário: “ela sonoriza os significados, fornece uma veste acústica ao trabalho mental do conceito” (CAVARERO, 2011, p. 52), o que conta é o semântico, pois a filosofia ignora a unicidade, não só da voz, mas em todas as suas manifestações humanas; a singularidade é um dado supérfluo. Segundo Cavarero, a filosofia não confere à voz nenhum valor por si só, independente do semântico.

---

<sup>36</sup> Adriana Cavarero é uma importante filósofa italiana. Graduada em filosofia pela *Università di Padova* e professora de Filosofia Política na *Università di Verona* até 2016.

Enquanto isso, Paul Zumthor (2005), que trabalha com poéticas orais, vê a voz cantada como um objeto complexo, que possui qualidades simbólicas e materiais (tom, timbre, altura, etc.); as qualidades materiais são facilmente identificáveis no melodrama, que atribui valores específicos a cada registro de voz. No entanto, apesar de podermos falar de suas características, ainda não temos uma ciência da voz, pois essa

deveria abarcar tanto uma fonética quanto uma fonologia, chegar até uma psicologia da profundidade, uma antropologia e uma história. Deveria ultrapassar amplamente o domínio vocal propriamente dito (ZUMTHOR, 2005, p. 62).

Esta incompletude da ciência da voz também pode ser encontrada em Roland Barthes (2015, p. 266) ao afirmar que “a voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado da diferença: um lugar que escapa a toda a ciência, pois não há nenhuma ciência (fisiologia, história, estética, psicanálise) que esgote a voz”. Nos resta, com isso, olhar como outras ciências encaram o tema para que possamos fazer deslocamentos linguísticos a fim de pensarmos a voz na apropriação das línguas.

## 2.1. Monsieur A: o sujeito falante

O sujeito falante, na linguística saussuriana, tem papel importante, e muitas marcas podem ser encontradas ao longo da redação do Curso como “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna” (SAUSSURE, 1975, p. 27), ou seja, inicialmente é a ele que damos o papel de protagonista na transmissão de uma língua, tanto que De Mauro vai falar nas “línguas como resultantes de expressões convergentes e divergentes dos falantes”<sup>37</sup> (DE PALO, 2016, p. 13).

Sabemos ainda que

Saussure não ignora os falantes e não pensa que eles sejam esmagados sob o peso da *langue* (De Mauro, em *SLG*, p. VIII), nem considera a linguagem como um princípio formativo absoluto, desencarnado e idealista. Mas ele foi, apesar de si mesmo, o inspirador de muitos estruturalismos antipsicologistas que expulsaram o tema da subjetividade em favor de um modelo autônomo da língua [...] no qual a primazia atribuída à *langue* comparada à *parole* coincide com a colocação em segundo plano o tema do sujeito falante<sup>38</sup> (DE PALO, 2016, p. 17).

---

<sup>37</sup> No original: “le lingue come risultanze del convergere e divergere dell’esprimersi dei parlanti” (DE PALO, 2016, p. 13).

<sup>38</sup> No original: “Saussure non ignora i parlanti e non pensa che essi vengano schiacciati sotto il peso della *langue* (De Mauro, in *SLG*, p. VIII), né considera il linguaggio come un principio formativo assoluto, disincarnato e idealisticheggiante. Ma egli è stato, suo malgrado, l’ispiratore di molti strutturalismi antipsicologisti che hanno espulso il tema della soggettività in favore di un modello autonomista della lingua [...] in cui il primato assegnato

Aliás, foi o próprio genebrino a ser, antes de tudo, um falante, tendo em vista que seus ensinamentos eram transmitidos majoritariamente de maneira oral: Saussure pouco publicou em vida. Em uma carta destinada a Louis Havet, em 1910, por ocasião de sua eleição como membro correspondente do *Institute de France*, confessa: “É verdadeiramente assustador sentir atrás de mim meus trinta anos de silêncio, face à alta distinção que parece querer recompensar meu trabalho científico” (SAUSSURE, 1976, apud BOUQUET, 2000, p. 63), ou seja, esse silêncio pode ser compreendido pela pouca produção escrita, no entanto, seus ensinamentos, a partir de sua voz, perduram e são objeto de constantes inquietações de pesquisadores e linguistas.

O que acontece, a partir disso, é que a Linguística, ao deixar em segundo plano o sujeito falante, deixou de fora, por muitos anos, especialmente o que ele traz de mais singular: a voz. Por diversas vezes, ao longo do Curso, encontramos referências ao sujeito falante, e é a ele, e ao que ele fala, que dedicaremos as próximas páginas desta dissertação.

## 2.2. A voz como índice de singularidade do sujeito falante

Ao nos propormos o estudo da voz, a partir de uma ampla busca sobre diferentes domínios do saber, diversas vezes nos deparamos com um antigo texto bíblico, o Gênesis, portanto, parece-nos adequado partirmos dele, revisitá-lo de maneira atenta e entender porque ele é citado por uma gama tão ampla de autores.

O Gênesis, com o qual conhecemos a história de Isaac e seus dois filhos, Esaú e Jacó, é o primeiro livro da Bíblia e se ocupa das origens do mundo, não pretende ser um livro histórico ou científico no sentido moderno dos termos; os fatos da vida dos patriarcas interessam enquanto servem para ilustrar o plano divino a respeito do homem, e mais especificamente no presente trabalho, metaforicamente, de que maneira a voz aparece retratada neste contexto.

Conta a história bíblica que Rebeca, esposa de Isaac, estava grávida de gêmeos e já no ventre as crianças brigavam, por isso ela foi consultar o *Senhor* que lhe respondeu, dentre outras coisas, que o filho mais velho serviria ao mais novo. Chegado o tempo do nascimento, “saiu o primeiro todo ruivo, peludo como um manto de pele, e foi chamado Esaú. Depois saiu o irmão, segurando com a mão o calcanhar de Esaú e foi chamado Jacó” (Gênesis 25, 25-26). O pai,

---

alla *langue* rispetto alla *parole* coincide con la messa in secondo piano del tema del soggetto parlante” (DE PALO, 2016, p. 17).

Isaac, gostava mais de Esaú, mas a mãe preferia Jacó. Quando Isaac ficou velho já não podia mais ver, então chamou seu primogênito, Esaú, e ordenou-lhe que caçasse algo e preparasse um assado para que lhe desse a bênção antes de morrer. Rebeca ouviu as palavras do marido e quando Esaú saiu para o campo, ela chamou o filho Jacó e reproduziu as palavras de Isaac, mas ordenando que Jacó buscasse dois cabritos para que ela os cozinhasse e ele levasse o assado até Isaac, passando-se por Esaú.

Conta a história que, para conseguir enganar Isaac, Rebeca vestiu o filho Jacó com as vestes de Esaú e cobriu-lhe as mãos com a pele de cabrito. Jacó, passando-se pelo irmão, foi à presença do pai, que perguntou quem era “e Jacó respondeu ao pai: ‘Sou Esaú, teu filho primogênito’” (Gênesis 27, 19). Isaac desconfiou do que ouviu, questionou como o filho conseguiu achar caça tão depressa e, então, pediu para tocá-lo e acabou convencendo-se ao sentir as mãos peludas. Por fim, Isaac diz “A voz é a voz de Jacó, mas as mãos são de Esaú” (Gênesis 27, 22), e abençoou o filho mais novo, acreditando ser o filho mais velho, Esaú, tais foram as palavras proferidas por este. Assim que Jacó sai, Esaú se apresenta diante do pai e ambos descobrem o disfarce de Jacó. Em “Um rei à escuta”, Calvino (1995, p. 27) diz que “uma voz não é uma pessoa”, mas ela remete a uma pessoa, como fica evidente na lembrança de Isaac ao escutar a voz de Jacó se passando por Esaú.

O que podemos depreender da história bíblica é que a voz trai. Ainda que as palavras proferidas carreguem mensagens, ela é reveladora da verdade. “Significante ‘puro’, ‘livre’, a voz *jorra* antes de se formar qualquer caráter semiótico/semântico” (BOLOGNA, 1987, p. 60). Não fosse a artimanha de Rebeca para disfarçar as mãos do filho Jacó, para que se parecessem com as de Esaú, Isaac teria acreditado nas palavras ouvidas? Rebeca conseguiu disfarçar as mãos de Jacó, este, por sua vez, manipulou as palavras, no entanto, sua voz permaneceu a mesma e seu pai, ainda que velho, a reconhece. A voz humana apresenta características tão individuais que não pode ser comparada com outras, mesmo que seja objeto de imitação.

A voz, de fato, não camufla; pelo contrário, desmascara a palavra que a quer mascarar. A palavra pode dizer tudo e o contrário de tudo. A voz, qualquer coisa que diga, comunica antes de tudo, e sempre uma só coisa: a unicidade de quem a emite (CAVARERO, 2011, p. 40).

Quando tratamos da significação de um enunciado, fica claro que o significado não está somente nas palavras proferidas, mas muito na voz, que carrega sentidos além da palavra. Para David Le Breton<sup>39</sup> (2011, p. 68) “a voz diz sem dizer, ela revela, mas ela também dissimula”<sup>40</sup>,

<sup>39</sup> David Le Breton é um importante antropólogo e sociólogo francês, professor na Universidade de Estrasburgo e membro do Institut Universitaire de France.

<sup>40</sup> No original: “La voix dit sans dire, elle révèle, mais elle dissimule aussi” (LE BRETON, 2011, p. 68).

o que vai ao encontro da afirmação de Parret<sup>41</sup> (2002, p. 28) “o significado da voz precede e transcende os significados das palavras proferidas”<sup>42</sup>. Dentre as características da voz está a de “ser espelho e eco da nossa identidade”<sup>43</sup> (PARRET, 2002, p. 29), em outras palavras, é um pouco o que Cavarero (2011, p. 20) aponta com a função reveladora, tratando da unidade do sujeito.

A voz, na maioria das vezes, é a grande reveladora da verdade, independente daquilo que ela anuncia enquanto palavra. Zumthor<sup>44</sup> (2005, p. 64) deixa claro: “há na voz uma espécie de indiferença relativa à palavra [...]. O que importa mais profundamente à voz é que a palavra da qual ela é veículo se enuncie como uma lembrança”, conquanto essa lembrança somente seja possível através da escuta, como diz o autor logo em seguida: “evoque no inconsciente daquele que a escuta um contato inicial”, o feito vocal se impõe e preenche espaços materiais e semânticos.

Por isso acreditamos que a voz é a emanção mais íntima do ser humano; sendo seu maior elemento de autenticidade, é única e traz a assinatura pessoal do sujeito – ainda assim, muitos não reconhecem a própria voz ao ouvirem-na pela primeira vez registrada em uma gravação –, no entanto, Le Breton abre espaço para pensar a voz transformada, como em uma imitação, por exemplo. Para ele,

a mudança deliberada de voz permite uma transformação de identidade, uma mudança de um para outro. Ao abandonar temporariamente um dos sinais eminentes de identificação, o indivíduo se liberta das restrições da identidade, ele não é mais responsável por suas ações, uma vez que elas não podem mais ser imputadas a ele<sup>45</sup> (LE BRETON, 2011, p. 59).

Ou seja, mudar a voz é um pouco mudar a própria identidade, e talvez seja isso que o teatro proponha a seus atores. No entanto, não é tarefa fácil: “a voz parece ser irrefutavelmente um sinal de identidade, mesmo que seja aérea e escape ao corpo”<sup>46</sup> (LE BRETON, 2011, p. 59), tanto que Jacó não conseguiu disfarçar a sua identidade-voz ao falar com seu pai.

---

<sup>41</sup> Herman Parret é professor emérito do Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Leuven (Bélgica), onde ensina filosofia da linguagem e estética filosófica.

<sup>42</sup> No original: “La signifiante de la voix précède et transcende les sens des mots proferés” (PARRET, 2002, p. 28).

<sup>43</sup> No original: “d’être miror et écho de notre identité” (PARRET, 2002, p. 29).

<sup>44</sup> Paul Zumthor foi um importante medievalista, crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço. É uma importante referência no estudo de poéticas orais.

<sup>45</sup> No original: “le changement délibéré de voix autorise une transformation de l’identité, un basculement de soi vers l’autre. En abandonnant provisoirement l’un des signes éminents de l’identification, l’individu se défait des contraintes de l’identité, il n’est plus responsable de ses actions puisqu’elles ne peuvent plus lui être imputées” (LE BRETON, 2011, p. 59).

<sup>46</sup> No original: “la voix paraît être de manière irréfutable un signe d’identité même si elle est aérienne et échappe au corps” (LE BRETON, 2011, p. 59).

Porém, isso não quer dizer que a voz nunca se altere ao longo da vida. Uma de suas características importantes é de ser sempre particular, singular – assim como a escuta – e se modificar ao longo dos anos, em função da puberdade, hormônios ou de acordo com a situação comunicativa e interlocutor; “do nascimento até a morte, a voz muda com o tempo, permanecendo a mesma, varia naturalmente mas na mesma linha que um rosto, é ao mesmo tempo infinitamente diferente e infinitamente próxima”<sup>47</sup> (LE BRETON, 2011, p. 52) – interessante a comparação do autor entre voz e rosto, já que os dois são únicos do sujeito e mudam ao longo da vida, mas preservam muito do seu original, ou seja, é uma mudança sem descaracterizar sua essência.

Ao longo da vida a voz muda, é diferente em função até mesmo das condições orgânicas, mas é “infinitamente próxima” porque ela é o “signo eminente e singular de cada pessoa, do nascimento à morte, [...] instrumento de seu reconhecimento”<sup>48</sup> (LE BRETON, 2011, p. 14), por isso Isaac reconhece a voz de Jacó; é, por exemplo, pela voz que um bebê reconhece a mãe e não pelas palavras que ela emite. “A voz é uma emanção do interior. Ela é frequentemente presumida por carregar em si um elemento de autenticidade. É suposto revelar o que o indivíduo falante pensa no mais íntimo”<sup>49</sup> (LE BRETON, 2011, p. 60).

### 2.3. O que a voz não é

De fato, é difícil definirmos exatamente o que seja voz. De qualquer forma, inicialmente ela é um fenômeno advindo de um processo fisiológico, mas que trará consigo muitas outras nuances subjetivas. O ar que passa por estruturas como diafragma, pulmão, laringe, pregas vocais e faringe, produz som, no entanto, a voz do ser humano não possui um órgão destinado especificamente para a produção vocal, já que a função do chamado aparelho fonador é primordialmente concebida para alimentação e respiração. Portanto, ela está localizada nos órgãos que a emitem, mas é “corpo sem órgão”<sup>50</sup> (LE BRETON, 2011, p. 14), e disso advém a

---

<sup>47</sup> No original: “De la naissance à la mort la voix change au fil du temps tout en demeurant la même, elle varie bien entendu mais sur la même ligne comme le fait un visage, elle est à la fois infiniment différente et infiniment proche” (LE BRETON, 2011, p. 52).

<sup>48</sup> No original: “Signe éminent et singulier de as personne, de la naissance à la mort, [...] un instrument de sa reconnaissance” (LE BRETON, 2011, p. 14).

<sup>49</sup> No original: “La voix est une émanation de l’intérieur. Elle est souvent présumée porter en elle un élément d’authenticité. Elle est censée révéler ce que l’individu qui parle pense au plus intime” (LE BRETON, 2011, p. 60).

<sup>50</sup> No original: “Elle est corps sans organes” (LE BRETON, 2011, p. 14).

definição de Le Breton (2011, p. 34) de “objeto intangível, emaranhado a um corpo, a um rosto, a voz é sem carne, mas seus contornos são formados por sua entonação, sua altura, seu ritmo, suas modulações, suas intensidades”<sup>51</sup>.

No entanto, sabemos bem o que ela não é, pois, para nós, ela não pode ser confundida com um ruído qualquer. Corroboramos a ideia de Herman Parret de que voz não é qualquer som emitido por um ser vivo, pura substância sonora, voz é uma categoria, um conceito teórico, tanto que o autor afirma que “o léxico dos ruídos é bem específico nas diferentes línguas”<sup>52</sup> (PARRET, 2002, p. 23), ou seja, a relação entre som e sentido é radicalmente arbitrária. Parece-nos que a grande questão para Parret seria como “isolar, entre os sons do mundo, aqueles que são específicos da voz humana”<sup>53</sup>. Assim, entendemos que a voz não é puro som, e nos interessa abordá-la a partir de seu viés linguístico.

Parret traz como referência o italiano Luigi Russolo, que buscou reunir e inventariar todos sons, traçando, assim, seis classes para eles. Na sexta classe, Russolo agrupa os sons produzidos por vozes humanas e animais (admitindo, portanto, que animais têm voz), como gemidos, berros, gritos, etc. Parret logo o descarta por considerar sua classificação arbitrária, e o isolamento dos ruídos produzidos pela voz uma técnica de pouca importância teórica, visto sua falta de critérios; além disso, afirma que o italiano “não está muito consciente das distinções conceituais entre ruído e som, entre sonoridade humana e sonoridade animal, especialmente entre um som produzido independentemente da voz”<sup>54</sup> (PARRET, 2002, p. 24), o que Russolo faz, que é criticado por Parret, é tomar o som pelo som e, como já dissemos, isso para nós não é voz.

Ao citar Aristóteles, grande pensador da relação entre voz, homem e razão, Herman Parret recorta a ideia aristotélica de que a voz é a responsável, ao mesmo tempo, pelo enraizamento e ruptura radical do homem com o mundo animal. Tanto o homem quanto o animal podem exprimir dor e prazer pelos sons da voz, mas somente o homem enuncia o que é justo e injusto, ele “é capaz de utilizar uma voz mediadora e moderadora, regular seus volumes, entonações e ritmos”<sup>55</sup> (PARRET, 2002, p. 25). Diferente de Russolo,

---

<sup>51</sup> No original: “Objet insaisissable, enchevêtré à un corps, à un visage, la voix est sans chair mais ses contours sont formés de son intonation, de sa hauteur, de son rythme, de ses modulations, de ses intensités” (LE BRETON, 2011, p. 34).

<sup>52</sup> No original: “Le lexique des bruits est bien spécifique aux différentes langues” (PARRET, 2002, p. 23).

<sup>53</sup> No original: “Comment alors isoler, parmi les ‘bruits du monde’, une classe spécifique de bruits ou de sons générés par la voix humaine?” (PARRET, 2002, p. 23).

<sup>54</sup> No original: “Russolo n’est pas trop conscient des distinctions conceptuelles entre le bruit et le son, entre la sonorité humaine et la sonorité animale, surtout entre un son produit indépendamment de la voix” (PARRET, 2002, p. 24).

<sup>55</sup> No original: “est capable d’utiliser une voix médiatrice et modératrice, réglant ses volumes, intonations et rythmes” (PARRET, 2002, p. 25).

Aristóteles distingue claramente o ruído (*psophos*) produzido por alguns animais (insetos como gafanhotos, moscas, abelhas e cigarras, emitindo fricção sonora – até mesmo alguns peixes fazem ruídos) e som (*phonè*) emitido por um ser animado a partir de um aparelho fisiológico compreendendo um pulmão e uma laringe<sup>56</sup> (PARRET, 2002, p. 25).

É muito claro o pensamento do filósofo grego em relação à voz, diferenciando-a de um barulho qualquer. Ao escrever *História dos animais*, em 486aC, Aristóteles dedica à voz um capítulo inteiro, no qual ele escreve:

voz e ruído são duas coisas distintas, e ainda uma terceira é a linguagem. A voz propriamente dita não é produzida por qualquer outro órgão que não seja a faringe<sup>57</sup>. Assim, os animais que não tenham pulmão também não têm voz. A linguagem consiste na articulação da voz através da língua (ARISTÓTELES, 2006, p. 190).

Ao tratar da voz dos quadrúpedes ovíparos, Aristóteles admite que alguns animais têm voz, ainda que seja diferente para cada um, no entanto, somente o homem é quem se exprime pela linguagem, que para ele é a “articulação da voz através da língua”, como já citado.

Assim, entendemos que estudar a voz não é um deter-se exclusivamente sobre o som ou sobre os sentidos das palavras, mas sobre o que David Le Breton denomina de “tessitura da voz”: “não escutar a palavra, mas a qualidade de sua formulação, suas vibrações sonoras, afetivas, suas singularidades”<sup>58</sup> (LE BRETON, 2011, p. 11).

## 2.4. Em busca de uma definição de voz

Paul Zumthor (2005) busca compreender e definir a “presença da voz” a partir da escuta musical. Para o escritor, medievalista e crítico literário, “a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inumeráveis formas de arte” (ZUMTHOR, 2005, p. 61).

Encontramos na voz o poder da criação do mundo para muitas sociedades humanas, pois a criação do mundo é descrita através da ação sonora, é a palavra que concentra toda a energia: “Deus disse: ‘Faça-se e luz!’ E a luz se fez” (Gênesis 1, 3), e por fim, esse Deus, que era uma

<sup>56</sup> No original: “Aristote y distingue bien clairement le bruit (psophos) produit par certains animaux (des insectes comme les criquets, mouches, abeilles et cigales, émettant des bruits par frottement - même certains poissons font des bruits) et le son (phonè) émis par un être animé à partir d’un appareil physiologique comportant un poumon et un larynx” (PARRET, 2002, p. 24).

<sup>57</sup> Segundo nota da tradutora, Maria de Fátima Sousa e Silva, Aristóteles confunde faringe com laringe.

<sup>58</sup> No original: “ne plus écouter la parole mais la qualité de sa formulation, ses vibrations sonores, affectives, ses singularités”.

voz sem corpo, segundo a tradição cristã, acaba encarnando, e esta voz ganha corpo “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1, 14). Para Le Breton (2011, p. 30), “a boca é o lugar onde se tece o mundo por intermédio da voz e da palavra”<sup>59</sup>.

Os manuais nos ensinam, mesmo os mais simples, que existem diferentes padrões de voz – ela pode ser classificada quanto à altura, timbre, ritmo, etc. – o que destaca Le Breton (2011, p. 48) é que “uma voz é de imediato associada a um gênero, nós imediatamente sabemos de ouvido se ela é de um homem ou de uma mulher”<sup>60</sup>, quer dizer, novamente fica claro o papel primordial da escuta. No entanto, outro trecho importante do autor merece destaque: a voz se adapta à comunidade em que está inserida.

A ideia de uma voz “natural” masculina e feminina é em parte uma ilusão. A socialização leva uma menina ou um menino a se adaptar involuntariamente às expectativas comuns de seu grupo e a se corrigir de acordo com os juízos de valor sobre seu modo de falar”<sup>61</sup> (LE BRETON, 2011, p. 48).

Assim, podemos depreender que a voz não é somente fisiológica, mas cultural e, principalmente, subjetiva, o que faz com que o sujeito, por vezes, seja subordinado socialmente a ela.

Além disso, a voz, muitas vezes, é descrita com a utilização de termos que não pertencem ao campo da escuta, convocando outros sentidos: ela pode ser quente, fria, amigável, intimidadora, doce, etc. Ainda assim, ela sempre é alguma coisa, sempre recebe alguma característica; a voz nunca é neutra, imparcial, pois traz consigo um universo moral e afetivo traduzido em emissão fônica, isso acontece porque passa pela subjetividade e pelas múltiplas interpretações geradas pela escuta. Para Le Breton (2011, p. 36), “a afetividade que permeia um momento também ressoa nele, e difrata em suas inflexões de acordo com os interlocutores. Há a voz de raiva ou ternura, tédio ou fadiga, e aquele que tenta disfarçar seus sentimentos”<sup>62</sup>, e assim observamos o poder da voz nas relações humanas. A voz, percebida a partir da escuta, convoca os outros sentidos – ao escutarmos um barulho muito forte, fechamos os olhos ou gritamos por medo, por exemplo, por isso Zumthor (2005, p. 96) diz “o ouvinte se sente obrigado”, ou seja, novamente percebemos o poder da voz, que obriga o outro a algo.

---

<sup>59</sup> No original: “La bouche est le lieu où se tisse le monde par l’intermédiaire de la voix e de la parole”(LE BRETON, 2011, p. 30).

<sup>60</sup> No original: “Une voix est d’emblée associée à un genre, on sait aussitôt à l’oreille si elle est celle d’un homme ou d’une femme” (LE BRETON, 2011, p. 48).

<sup>61</sup> No original: “L’idée d’une voix ‘naturelle’ propre au masculin et au féminin est en partie un leurre. La socialisation amène une fille ou un garçon à se moduler à son insu sur les attentes communes de son groupe et à se corriger selon les jugements de valeur portés sur sa manière de parler” (LE BRETON, 2011, p. 48).

<sup>62</sup> No original: “l’affectivité qui imprègne un moment retentit également en elle, et se diffracte dans ses inflexions selon les interlocuteurs. Il y a la voix de la colère ou de ça tendresse, de l’ennui ou de la fatigue, et celle qui s’efforce de déguiser ses sentiments” (LE BRETON, 2011, p. 36).

No conto “Um rei à escuta”, do italiano Italo Calvino, o rei permanece imóvel em seu trono utilizando-se somente da audição para captar e interpretar os sons a sua volta, seu único trabalho é controlar acusticamente o reino, a partir dos sons ouvidos. No entanto, apesar de tratar da voz, observamos, já pelo título e pelo desenrolar do texto, o papel primordial do ouvido, tanto que Calvino (1995, p. 23) descreve:

o palácio é todo volutas, todo lobos, é um grande ouvido em que anatomia e arquitetura trocam de nomes e de funções: pavilhões, trompas, tímpanos, espirais, labirintos; você fica achatado no fundo, na região mais interna do palácio-ouvido, do seu ouvido; o palácio é o ouvido do rei.

Cavarero destaca que a voz importa por sua materialidade sonora: “as palavras não contam por sua valência semântica, mas apenas por sua substância fônica” (CAVARERO, 2011, p. 16), e é a voz a responsável por evocar lembranças e emoções no rei de Calvino a partir do momento em que escuta uma mulher cantando; ele “sente-se atraído pela voz enquanto voz” (CALVINO, 1995, p. 27), não pela canção ou pela mulher.

Aquela voz certamente vem de uma pessoa única, inimitável como qualquer pessoa, porém uma **voz não é uma pessoa, é algo de suspenso no ar**, destacado da solidez das coisas. Também **a voz é única e inimitável**, mas talvez num outro modo diferente da pessoa: poderiam, voz e pessoa, não se parecer. Ou então assemelhar-se de um modo secreto, que não se vê à primeira vista: a voz poderia ser o equivalente daquilo que a pessoa tem de mais oculto e de mais verdadeiro. É um você próprio sem corpo que escuta aquela voz sem corpo? Então que você a escute de fato ou a relembre ou a imagine, não faz diferença (CALVINO, 1995, p. 27, grifos nossos).

Ao citar o linguista francês Claude Hagège, para o qual “a fala é um dado da condição humana, e passa pelo canal da voz e da audição”<sup>63</sup> (LE BRETON, 2011, p. 20), Le Breton (2011, p. 20) traz uma frase com a qual devemos ter cuidado: “sem a voz não há palavra”<sup>64</sup>. Segundo a concepção saussuriana, com a qual nos identificamos, sem voz não haverá palavra enquanto emissão fônica, mas pode haver palavra em línguas visuoespaciais, pois o equivalente da voz será a gestualidade.

Discussão semelhante é feita a partir da asserção de André Beaudet, que afirma, durante a entrevista com Paul Zumthor: “a linguagem é impensável sem a voz” (ZUMTHOR, 2005, p. 63), no entanto, a partir da concepção saussuriana, parece-nos claro que a linguagem não está na dependência da voz, uma vez que, ao considerarmos, novamente, as línguas visuoespaciais, por exemplo, encontramos linguagem, língua e fala, mas não voz enquanto produção fônica, visto que essas línguas engendram a noção de *parole* saussuriana, e não voz enquanto produção

<sup>63</sup> No original: “la parole est une donnée de la condition humaine, et elle passe par le canal de la voix et de l'ouïe” (LE BRETON, 2011, p. 20).

<sup>64</sup> No original: “Sans la voix il n'y a pas de parole” (LE BRETON, 2011, p. 20).

fônica, mas têm voz na produção gestual<sup>65</sup>. Talvez a proposição deva ser invertida: *a voz é imprescindível sem a linguagem*, admitindo-se, assim, que a linguagem é algo muito maior, que comporta também, mas não somente, a voz. Ao tratar das glossolalias<sup>66</sup>, Zumthor (2005, p. 99) afirma que “a linguagem pode desaparecer, a voz, subsiste”, no entanto aqui a palavra adquiriria uma significação diferente, que não é objeto de interesse específico do presente trabalho.

A voz não tem um fim em si mesma, sempre é dirigida a uma outra pessoa, que a faz repercutir de alguma maneira; “ela enuncia uma palavra para obter reconhecimento de outro que responde a ela”<sup>67</sup> (LE BRETON, 2011, p. 34), reconhecimento pela voz, não só pela palavra enunciada; é por isso que o ouvinte está sempre em busca de ajustar-se auditivamente em função da voz que escuta; assim, acreditamos que “toda voz já é uma significação em si mesma por sua entonação, seu ritmo, é uma mensagem capaz de comprometer ou transbordar os significados da fala realizada”<sup>68</sup> (LE BRETON, 2011, p. 38), ou seja, os termos da linguagem não são os únicos responsáveis pela significação, mas a voz também, por suas características tão singulares.

A unicidade é outro aspecto importante ao abordarmos o tema da voz; como nos descreve Calvino, ela é única e inimitável, “uma voz significa isso: existe uma pessoa viva, garganta, tórax, sentimentos, que pressiona no ar essa voz diferente de todas as outras vozes” (CALVINO, 1995, p. 27). No entanto, todos esses aspectos só são percebidos graças ao ouvido “que está no centro do poder”, conforme afirma Cavarero. Assim, fica clara a importância da escuta, que é a responsável por conferir características à voz, recortando suas singularidades: “a fim de que o ouvido demonstre o seu talento natural para perceber a unicidade de uma voz, por si só, é capaz de atestar a unicidade de cada ser humano, quem emite deve permanecer invisível” (CAVARERO, 2011, p. 17), ou seja, é a voz, percebida pelo ouvido, quem revela a autenticidade do sujeito. “O jogo entre emissão vocálica e percepção acústica envolve necessariamente os órgãos internos” (CAVARERO, 2011, p. 18), e é justamente pela passagem por esses órgãos internos que a voz vai revelando o que a pessoa “possui de mais escondido e

---

<sup>65</sup> Novamente, lembramos a importante reflexão sobre as línguas visuoespaciais presente no trabalho de Frydrych, *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*, disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382/>. Acesso em 28/07/2018.

<sup>66</sup> Segundo definição do dicionário Michaelis online, glossolalia é: 1 distúrbio de linguagem que acomete certos doentes mentais, caracterizado pela pronúncia de palavras indecifráveis ou confusas, o que faz com que acreditem na invenção de uma nova linguagem. 2 Fenômeno caracterizado pela pretensa capacidade de se manifestar em línguas desconhecidas, que pode ocorrer a uma pessoa em exaltação religiosa. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/glossolalia/>. Acesso em 02/10/2018

<sup>67</sup> No original: “elle énonce une parole pour susciter la reconnaissance d'un autre qui lui répond” (LE BRETON, 2011, p. 34).

<sup>68</sup> No original: “Tout voix est déjà une signification en elle-même par son intonation, son rythme, elle est un message susceptible de troubler ou de déborder les significations de la parole tenue” (LE BRETON, 2011, p. 38).

mais verdadeiro”, ou seja, uma “autorrevelação por meio da emissão da voz” (CAVARERO, 2011, p. 19) e de sua percepção através do ouvido. No entanto, para que haja essa revelação, faz-se necessário que haja o que Calvino (1995, p. 28) chama de “intenção de escuta”, o que deixa claro o desejo pela escuta, corroborando o que Jakobson (1977, p. 34) diz: “se fala para ser ouvido” e “é para ser compreendido que se tenta ser ouvido”.

A partir do texto de Calvino, Adriana Cavarero propõe uma “fenomenologia vocálica da unicidade”, pois a voz “comunica os dados elementares da existência: a unicidade e a condição relacional, mas também a diferença sexual e a idade, inclusive a ‘mudança de voz’ que, sobretudo nos homens, sinaliza a puberdade” (CAVARERO, 2011, p. 23), propondo que o tema da voz seja privilegiado nos estudos ontológicos; a unicidade de uma voz se relaciona – através da escuta – à unicidade de outra voz.

A palavra, entendida enquanto discurso, é o destino essencial da voz, mas não pode ser confundida com voz, que é som e tem um plano tão amplo que excede o da palavra. O problema dos estudos sobre ontologia da voz é que tendem a priorizar a palavra “de modo que, fora a palavra, a voz se torne um resto insignificante” (CAVARERO, 2011, p. 28). Por isso, a autora italiana busca

pensar a relação entre voz e palavra como uma relação de unicidade que, mesmo soando principalmente na voz que ainda não é palavra, continua a ressoar na palavra a que a voz humana é constitutivamente destinada. O comunicar-se vocálico da unidade, ainda que exclusivamente inerente ao registro do som, é também essencial a essa destinação. **O sentido [...] transita da esfera acústica à palavra.** Exatamente porque a palavra tem uma consciência sonora, falar é comunicar-se na pluralidade de vozes (CAVARERO, 2011, p. 29, grifos nossos).

Ao citar ensaio de Hans Jonas, a autora italiana traça um paralelo entre os sentidos da visão e audição. A audição é um fenômeno efêmero, pois os sons percebidos são dinâmicos e não estáticos; o ouvido, que é ligado a uma única dimensão temporal, identifica os sons em uma sucessão dinâmica, um após outro – corroborando o princípio saussuriano da linearidade do significante, no qual os significantes acústicos se distribuem na linha do tempo, um após o outro, formando uma cadeia (SAUSSURE, 1916, p. 84). Já os objetos percebidos pela visão são caracterizados por sua permanência no tempo e no espaço, são estáveis, duráveis e presentes, segundo palavras da autora; diferentemente do que ocorre na audição, a visão pode perceber diversos objetos simultaneamente.

Outro ponto crucial para pensar a diferença entre os sentidos da visão e audição diz respeito à posição do sujeito. A visão confere uma posição ativa ao sujeito, que pode abrir e fechar os olhos quando quiser e, ao mesmo tempo, “os objetos não o olham e não o obrigam a olhar” (CAVARERO, 2011, p. 55). Enquanto isso, a audição confere uma posição passiva ao

sujeito em relação aos sons – e é importante que fique clara essa passividade em relação à posição do ouvinte, não à escuta – “aquele que ouve é completamente exposto a eventos sonoros, provindos do exterior, que ele não controla. [...] Os nossos ouvidos estão sempre abertos, mesmo quando dormimos” (CAVARERO, 2011, p. 55), ou seja, não é possível controlar os sons que nos cercam, somos atingidos de fora para dentro sem que nada possamos fazer. Por isso Le Breton (2016, p. 15, grifos nossos) afirma que

se se consegue abstrair-se dos outros sentidos, recusar um prato cujo sabor não seja agradável, afastar-se de um cheiro ruim ou fechar os olhos diante de um espetáculo desagradável, **o ouvido resiste ao teste**, deixa as mãos e os pés amarrados, nos deixa indefesos diante do desconforto sonoro<sup>69</sup>.

## 2.5. A voz da flauta

Através da voz de Alcebíades, Platão registra uma narrativa biográfica na qual Sócrates é apresentado como sendo diferente de todos os homens. Para Platão, o tema da voz é secundário, no entanto, quando Alcebíades entra e ouve-se sua voz, é por ela que ele é reconhecido, assim como Jacó é reconhecido por seu pai na narrativa bíblica.

Alcebíades conta a história do desafio que o flautista Mársias fez para Apolo com sua cítara – instrumento de cordas. Apolo acaba vencendo o desafio e a punição de Mársias é ser esfolado vivo, mas o que Cavarero (2011, p. 91) destaca do aprendizado de Mársias é que

os instrumentos de sopro são um prolongamento da boca e muito semelhantes à voz. Além de incharem as bochechas, deformando a face, eles requisitam a respiração e impedem o flautista de falar. Em outras palavras, **a flauta se presta, perigosamente, a representar a *phoné* no duplo sentido desse termo: voz e som** (grifos nossos).

Abre-se aqui outro interessante espaço para pensar a voz deslocada da linguística: a voz é única, disso não temos dúvidas, é ela a responsável pelo reconhecimento do sujeito que fala, já que confere unicidade a ele, mas e o som da flauta, sendo uma representação da voz, também o é?

Cavarero (2011, p. 91) ainda afirma que quem toca a flauta “renuncia à palavra e evoca um mundo em que predominam a esfera acústica e as expressões da corporeidade”, ou seja, parece-nos que a unicidade do sujeito está, sim, posta no som da flauta, como uma representação da voz, capaz de causar encantamento naqueles que o escutam.

---

<sup>69</sup> No original: “Se si riesce ad astrarsi dagli altri sensi, a rifiutare un piatto il cui sapore non risulti piacevole, ad allontanarsi da un cattivo odore o a chiudere gli occhi di fronte a uno spettacolo poco piacevole, l’udito resiste alla prova, ci lascia le mani e o piedi legati, ci lascia inermi di fronte ai disagi sonori” (LE BRETON, 2016, p. 15).

Mársias e Sócrates, segundo recorda a filósofa italiana, produziam encantamento nos homens através da boca, o primeiro utilizando um instrumento, a flauta, o segundo, apenas com o uso das palavras em seus diálogos filosóficos. A única maneira de fugir desse encanto seria tapando os ouvidos, mas sabemos, como já dissemos anteriormente, que essa não é tarefa fácil, por ser o único órgão dos sentidos que não pode ser fechado por completo. Nesse percurso filosófico da escuta, Platão torna-se o herdeiro de Sócrates por escutar o mestre, “preocupando-se, todavia, em eliminar precisamente o efeito encantatório dessa escuta; ou seja, tapou a seu modo os ouvidos por meio da desvocalização do logos” (CAVARERO, 2011, p. 93); utilizando-se da escrita, ao contrário de Sócrates, que fala, Platão busca “retirar a película sonora” das palavras.

Para Platão, a flauta de Mársias, ou seja, a representação da voz, convoca as paixões e os instintos do sujeito, e não a razão e o intelecto, por isso pode ser tão perigosa; Le Breton (2011, p. 36) nos ensina que “a afetividade que impregna um momento também ressoa nela [voz]”<sup>70</sup>. Sócrates nunca escreveu seus pensamentos durante a vida, filosofava usando somente a voz, nada deixou escrito para a posterioridade, no entanto, seus discursos possuem dois lados: “o exterior, feio, é apenas uma superfície que esconde a divindade e a beleza do interior” (CAVARERO, 2011, p. 94), ou seja, o lado interno acaba tendo mais valor que o externo, por isso a voz, que é exterior, pode ser descartada já que é vista como “superficial, mero invólucro” (CAVARERO, 2011, p. 94). Mas é esse movimento de desvocalização que faz com que Platão acabe destacando e valorizando a voz por seu efeito encantatório; segundo Cavarero (2011, p. 107), o filósofo grego “teme a voz do prazer acústico, a voz que é ritmo e respiro, aquela que escapa ao controle do sistema videocêntrico da linguagem. Teme, em outras palavras a área corpórea do vocálico”.

## 2.6. A voz na aprendizagem das línguas

Apesar de avaliar a escrita de uma maneira negativa, é com ela que Platão trabalha, diferentemente do mestre Sócrates. Sabemos que a escrita não é capaz de abarcar todos os elementos fônicos da fala, e para Cavarero (2011, p. 106),

a escrita de tipo alfabético, como a grega, consiste substancialmente numa des-sonorização da palavra. Substituindo a esfera acústica por um mapa visual, o signo

---

<sup>70</sup> No original: “L’affectivité qui imprègne un moment retentit également en elle” (LE BRETON, 2011, p. 36).

escrito traduz o som e o elimina. **A leitura em voz alta tem, nesse sentido, a tarefa de uma restituição.** [...] À voz [...] não é concedida nenhuma esfera autônoma em relação ao plano da escrita. A desvocalização é completa” (CAVARERO, 2011, p. 106, grifos nossos).

A ideia de restituição pelo fônico, de algo que a escrita não consegue abranger também é presente no pensamento do linguista italiano Tullio De Mauro quando afirma: “creio que não se deva jamais esquecer que também o som da língua é importante. **A onda da palavra se aprecia somente lendo em voz alta**”<sup>71</sup> (CAMILLERI e DE MAURO, 2014, p. 85, grifos nossos). A mesma importância ao fônico é dada pelo escritor e diretor de teatro Andrea Camilleri em seus trabalhos: “**eu releio sempre aquilo que escrevo em voz alta.** Devo ouvir isso fluindo, e apenas esse fluxo da história tropeça, entendo que devo reescrever aquele ponto, porque ali, naquele ponto preciso falta o ritmo”<sup>72</sup> (CAMILLERI e DE MAURO, 2014, p. 85-86, grifos nossos). Camilleri ainda fala de uma necessidade que sempre há, ao menos para seus livros, de uma leitura em voz alta, é imprescindível “ouvir ler”.

Conforme Milano (2017, p. 81),

ao se ler em voz alta, a voz se desprende do corpo e se empresta ao outro. Ela ecoa feito pura alteridade. Assim ela segue até fazer efeito na escuta do outro. O texto lido em voz alta se transforma ao passar pela voz de cada leitor e é reatualizado na escuta de cada um. Nesse sentido, pode-se dizer que a voz provoca duplamente o texto. Provoca e desloca na performance oral de cada um dos leitores e opera sobre a percepção singular que a alteridade evoca.

Observamos, assim, a potência sedutora da voz; é ela, inclusive, capaz de acusar “problemas” na escrita, sendo a responsável por fazer um autor reescrever partes do texto ao ser tocado acusticamente pelo seu efeito.

Outras duas manifestações da voz antes da linguagem, apontadas por Herman Parret, são o riso – promovedor de sentimentos de saúde e vida, que aparece depois de uma experiência satisfatória – e o balbucio. Parret (2002, p. 33) define o balbucio como “a voz natural, a voz antes do impacto das limitações externas, gramaticais e comunicacionais”<sup>73</sup>, ou seja, é a voz plena antes do afunilamento pelo qual passará ao se enquadrar em um determinado sistema linguístico, que além de tudo, irá separar o sujeito falante da fala; é ainda diferente do choro – já que esse é a manifestação das necessidades diretas da criança –, o que acontece durante o balbucio é “a criança, desfrutando seu próprio corpo, feito voz”<sup>74</sup> (PARRET, 2002, p. 33); e

<sup>71</sup> No original: “Credo che non si debba mai dimenticare che anche il suono della lingua è importante. L’onda della parola si apprezza solo leggendo ad alta voce” (CAMILLERI e DE MAURO, 2014, p. 85).

<sup>72</sup> No original: “Io rileggo sempre quello che scrivo ad alta voce. Devo sentirlo scorrere, e appena questo fluire del racconto s’intoppa, capisco che devo riscrivere quel punto, perché lì, in quel punto preciso manca il ritmo” (CAMILLERI e DE MAURO, 2014, p. 85-86).

<sup>73</sup> No original: “la *vox naturalis*, la voix d’avant l’impact des contraintes extérieures, grammaticales et communicationnelles” (PARRET, 2002, p. 33).

<sup>74</sup> No original: “l’enfant balbutie en jouissant de son propre corps fait voix” (PARRET, 2002, p. 33).

nesse fazer-se voz começa a recortar unidade – utilizando o balbucio como esboço de palavra – com valor de signo.

Daniel Heller-Roazen traz uma interessante reflexão acerca do balbucio em seu texto “O ápice do balbucio”. Para o filósofo e professor de literatura comparada canadense, quando as crianças começam a falar têm à disposição capacidades articulatórias com as quais nenhum adulto poderia concorrer, ao apontar isso, o autor vale-se das considerações de Jakobson em *Linguagem infantil, afasia e universais fonológicos*. Segundo Jakobson (1940-1942, p. 21, apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 7) “em seus balbucios, uma criança pode acumular articulações que nunca serão encontradas em uma única língua, ou mesmo grupo de línguas”, ou seja, no ápice do balbucio as crianças são capazes de articular e produzir todos os sons contidos nas línguas humanas sem o menor esforço, e fica evidente o quanto isso muda na vida adulta quando estamos no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e nos deparamos com uma imensa dificuldade de articulação de determinado fonema não existente na nossa língua materna. Heller-Roazen acredita tratar-se de um salto a aquisição de uma determinada língua para a criança, assim sendo, podemos pensar a aquisição de uma língua estrangeira como um segundo salto.

Durante o estágio de aquisição, Heller-Roazen (2010, p. 8) fala em “atrofia parcial das habilidades fônicas”, tendo em vista que a criança passa a não usar mais todos os sons que produzia durante o balbucio. Nós corroboramos a tese de Heller-Roazen de que essa atrofia parcial atinge também outras habilidades, como a perceptiva: considerando-se que dentro de determinada língua, certos fones não são emitidos por não pertencerem ao alfabeto fonético dela, a criança passa a não escutá-los, ou seja, não recorta mais aquela unidade como significante, e por isso não os reproduz mais. Essa atrofia parcial estende-se à vida adulta, e é percebida no momento de aquisição de uma língua estrangeira, quando o aprendiz não recorta unidade – ou encontra dificuldades para fazê-lo – por ela não existir no inventário fonético da língua materna; assim podemos considerar a “língua materna que, apoderando-se de seu novo falante, não tolera nele a mais leve sombra de outra” (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 9).

Quando deslocamos nosso olhar para a voz durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira, podemos encontrar a seguinte definição:

uma voz é um material sonoro ao mesmo tempo social, cultural, sexual, afetivo, singular, marcado por rituais e emoções típicos de uma **comunidade linguística** em um momento de sua história<sup>75</sup> (LE BRETON, 2011, p. 11, grifos nossos).

---

<sup>75</sup> No original: “une voix est une matière sonore à la fois sociale, culturelle, sexuée, affective, singulière, marquée par des ritualités et des émotions propres à une communauté linguistique à un moment de son histoire” (LE BRETON, 2011, p. 11).

O conceito de comunidade linguística nos é caro para pensarmos a voz em língua estrangeira; é devido a nos encontrarmos inseridos em uma comunidade linguística diferente que mudamos de voz ao falarmos uma língua estrangeira: “o mesmo indivíduo falando várias línguas tem várias vozes relacionadas aos sons e à melodia que ele imprime a cada um. Todo o seu corpo se ajusta à língua falada”<sup>76</sup> (LE BRETON, 2011, p. 55). Gomes (2016) comprova isso: a partir de um curso de extensão em língua francesa, no qual a fala ganhou papel central, a autora afirma que “não raro, os falantes descobriam-se, inclusive, com novos timbres ao expressarem-se em francês” (GOMES, 2016, p. 11); segundo a autora, a fala-escuta é um dos âmbitos pelo qual o sujeito funda seu papel em uma língua estrangeira, ou seja, vai construindo sua identidade linguística.

## 2.7. O silêncio da voz

Tratar de voz é também tratar de algo que, inicialmente, parece seu oposto: o silêncio, já que ela não é uma emissão contínua. Falar sobre silêncio no mundo atual, que é o tempo todo invadido por palavras, sons e ruídos significa um risco, visto a resistência que se encontra ao tratarmos da interioridade. Parece-nos que a modernidade vive uma fobia em relação ao silêncio: “um súbito desaparecimento do barulho é assustador: o silêncio produz angústia e empurra para correr até a janela para entender-lhe as razões”<sup>77</sup> (LE BRETON, 2018, p. 12); assim, em relação aos outros sentidos, a audição é a que está mais vulnerável, por isso é tão difícil conquistar um bem-estar acústico.

Ao olharmos para o circuito da fala saussuriano, já abordado no capítulo anterior, nos deparamos, em certo sentido, com voz e silêncio. Sim, ele está ali, ainda que muitos tenham preferido fechar os olhos para ele. Silêncio e palavra não são coisas opostas: os dois são ativos e significativos e, para que o discurso aconteça, é necessária a ligação mútua desses dois elementos da comunicação; ou seja, não existe palavra sem silêncio. “Se a linguagem e o silêncio se unem na expressão da palavra, poder-se-ia dizer que qualquer enunciado surge do silêncio interior do indivíduo, sempre em diálogo consigo mesmo. De fato, toda palavra é

---

<sup>76</sup> No original: “un même individu parlant plusieurs langues dispose de plusieurs voix liées aux sons et à la mélodie qu'il imprime à chacune. Son corps tout entier s'ajuste à la langue parlée” (LE BRETON, 2011, p. 55).

<sup>77</sup> No original: “Un'improvvisa scomparsa del rumore fa paure: il silenzio produce angoscia e spinge a correre alla finestra per comprenderne le ragioni” (LE BRETON, 2018, p. 12).

precedida por uma voz silenciosa”<sup>78</sup> (LE BRETON, 2018, p. 24), ou seja, o silêncio é quem prepara a palavra.

Como Le Breton afirma, a voz acontece durante a expiração, existe silêncio no tempo de inspiração, que também serve como tempo de reflexão; assim, podemos dizer que o silêncio é um alimentador da voz. Para David Le Breton (2011, p. 14), “o silêncio é um modulador, um pêndulo cujo movimento autoriza a clareza da palavra falada. A voz é uma vibração sonora no silêncio infinito que a envolve”<sup>79</sup>, e esse infinito silêncio pode ser pensado não somente pelo tempo de reflexão e inspiração, como apontados pelo autor, mas o silêncio da escuta – aquele que escuta está (sempre) em silêncio, numa posição atenta, em busca da voz do sujeito falante. Tanto que quando questionado se costuma ficar em silêncio em sala de aula, um aluno responde: “Sim... fico em silêncio quando está sendo ensinado o assunto. Fico em silêncio quando o professor tá falando alguma coisa, tá explicando, tá ensinando...” (LIMA e MARQUES, 2015, p. 232), ou seja, é o silêncio dialogando com a escuta.

Ainda nessa relação com a escuta, encontramos o trecho da peça “Fala do silêncio” da diretora de teatro Patrícia Fagundes (2017, grifos nossos) no qual os três atores da peça estão em cena e dialogam:

Leo: Ele ficou em silêncio. Do que poderia dizer.  
 Li: Ela ficou em silêncio. Palavras e desejos silenciados.  
 Pri: Eu quero falar do silêncio.  
 Leo: Que silêncio?  
 Pri: Do silêncio entre nós.  
 Li: Quando eu te abraço?  
 Pri: Do silêncio sem abraço. Feito do que não dizemos, do que não fazemos.  
 Li: Eu quero falar do silêncio.  
 Leo: Ele fala do silêncio. Ele pensa que sabe muitas coisas, mas está perdido.  
 Li: Estamos perdidos e quero falar do silêncio ensurdecer sobre estupros coletivos que funcionam como armas de guerra.  
 Leo: Silêncios sobre genocídios, crueldade, covardia.  
 Pri: Violência, homofobia, extermínio.  
 Li: Corrupção, racismo, injustiça.  
 Leo: Eu estou completamente perdido e não quero falar do silêncio entre nós.  
 Li: Ele não fala do silêncio entre nós porque tem medo do que o silêncio possa dizer.  
 Pri: **Eu preciso de silêncio para escutar.**  
 Leo: É difícil escutar.  
 Li: Escuta?  
 Leo: Eu faço muito ruído pra não escutar.  
 Pri: Silêncio de cemitérios. De lugares desertos. De amores perdidos.  
 Li: O  
 Pri: (gargalha)  
 Leo: Silêncio.  
 Li: Ele ficou em silêncio. Do que queria dizer.

<sup>78</sup> No original: “Se il linguaggio e il silenzio si fondono nell’espressione della parola, si potrebbe dire che qualsiasi enunciato nasca dal silenzio interiore dell’individuo, sempre in dialogo con se stesso. Ogni parola, infatti, è preceduta da una voce silenziosa” (LE BRETON, 2018, p. 24).

<sup>79</sup> No original: “Le silence est un modulateur, un balancier dont le mouvement autorise la clarté de la parole énoncée. La voix est une vibration sonore sur l’infini du silence que l’enveloppe” (LE BRETON, 2011, p. 14).

Para o teatro, neste caso, os silêncios são múltiplos: da violência, íntimos de cada sujeito, compartilhados entre duas pessoas, mesmo assim, ele aparece com um elo de ligação com a escuta.

Segundo o Japiassú e Marcondes (2001, p. 174), “para a filosofia, o silêncio não se confunde com a ausência de ruído, pois nada mais é do que a abolição da palavra”. Ainda em uma definição mais subjetiva, a escritora Adriana Falcão (2011, p. 90) apresenta o seguinte verbete “Silêncio: quando os ruídos estão sem assunto”, logo, fica claro que o silêncio não pode ser encarado como um grande vazio.

A diretora de teatro Patrícia Fagundes, em 2017, escreve uma peça para a Cia Rústica nominada como “Fala do silêncio”, já a partir desse título podemos pensar o quão o silêncio seja significativo e tenha a nos dizer sobre o sujeito.

Lisandro: Silêncio. (silêncio). **Dizem que o silêncio é grávido de sons. E que não se opõe à palavra, ele a abraça. O silêncio abraça as palavras e os sons.** Música. Todas as coisas são feitas de diferenças, contrários, dissonâncias e encontros. Há silêncios em nós. E histórias. Somos feitos de silêncios e histórias... (FAGUNDES, 2017, grifos nossos).

Nós entendemos o silêncio como uma forma de comunicar que carrega consigo uma multiplicidade de significações, ou seja, ele é polissêmico. Mas, na verdade, por que a voz cala? Quais são os sentidos atribuídos ao não-dito no que toca a aquisição de uma língua?

Sabemos que “a dificuldade do profissional da área de fonoaudiologia em lidar com o elemento *silêncio* como constitutivo tanto do processo de aquisição de linguagem, como da estrutura da linguagem” (SURREAUX, 2001, p. 593) também se apresenta para o professor de língua, especialmente no que tange o ensino de uma língua estrangeira. Para Surreaux (2001) o silêncio é um elemento constitutivo da linguagem, sendo de caráter fundante e enunciativo, assim, o silêncio pode significar, entre outras coisas, uma resistência, uma dificuldade ou até uma inibição. Para Lima e Marques (2015, p. 216), “ele pode ser utilizado até mesmo como parte de uma estratégia de aprendizagem” de acordo com o estilo de aprendizagem do aluno.

Dentre as teorias abordadas por Lima e Marques (2015), está uma fase conhecida como *Período do Silêncio*, onde o silêncio é entendido como parte do processo de aquisição, sendo considerado também o quanto o aprendiz conhece de sua língua materna. Segundo Granger (2004, apud LIMA e MARQUES, 2015, p. 217) “quando se aprende um novo idioma, o sujeito é exposto a uma remoção parcial da sua identidade, a qual era antes relacionada apenas à sua língua de origem”, podemos levar isso em consideração sob vários aspectos, sejam eles socioculturais ou linguísticos.

A pessoa passa por um processo de abandono do eu, o que pode ser um tanto doloroso para o indivíduo. Muitas vezes, o/a aluno/a tende a lutar contra esse processo mediante uma resistência psicológica não consciente. Como consequência, o/a aprendiz se

encontra entre duas línguas, não se localizando ou se apoiando em nenhuma delas inteiramente, resultando em uma sensação de não pertencimento à “terra” alguma. (GRANGER 2004, apud LIMA e MARQUES, 2015, p. 217).

Neste caso, o silêncio em sala de aula não é somente linguístico, mas também psicológico e cada aprendiz utilizará artifícios próprios para lidar com seu próprio processo de aprendizagem. Ele ainda “expressa aquilo que palavras são insuficientes para traduzir: manifesta a reserva de um homem ainda em busca de sua própria decisão”<sup>80</sup> (LE BRETON, 2018, p. 85). Sobre esse “estado temporário de conflito identitário”, Lima e Marques recortam um estudo de Wuo (1993, p. 76), quando o autor fala de seu conflito e explica seu silêncio:

Quando eu escuto a minha voz, eu a odeio [...]. O conflito interno habita o meu ser por inteiro. Isso me faz sentir como se estivesse me desestruturando. Agora eu tenho dois “eu’s” dentro de mim. Um “eu” com o qual eu me sinto conectado... O outro “eu” é um estranho (apud LIMA e MARQUES, 2015, p. 218).

Aprender uma LE é, também, adquirir uma nova lente para interpretar o mundo e

talvez esta identidade, à qual é agregada a nova língua, e que passa a ver o mundo pelo viés de mais de um código linguístico, se veja por vezes silenciada, pois não encontra palavras que deem conta desse sentimento de não pertencimento. (LIMA e MARQUES, 2015, p. 218).

Outros aspectos do silêncio em sala de aula podem ser relevados como: o aprendiz que se sente “meio inteligente” e não mais um *expert* como se via em sua língua materna, ou ainda pode sentir-se como uma criança, que não consegue encontrar as palavras mais adequadas para se expressar, tendo, assim, um sentimento de impotência. Pode-se, como dissemos anteriormente, entender o silêncio como complemento da palavra no discurso, pois, segundo Jaworski (1993) “pensar em silêncio como o oposto da palavra verbalizada é inapropriado” (apud LIMA e MARQUES, 2015, p. 219). Existem os silêncios específicos das situações de interação, ou ainda o medo de falar por falhar, levando em conta um modelo de falante ideal, o nativo (e poder-se-ia abrir aqui outros questionamentos: nativo de onde? De qual região, se pensarmos na Itália, por exemplo, qual seria o “falante ideal”? Baseados em quais critérios, a partir de vários *italianos*, definiríamos *o italiano standard*?).

Quando voltamos nosso olhar para a sala de aula, observamos que a participação é vista pelas lentes da fala: aluno que participa é aquele que fala em voz alta; “a ideologia da comunicação assimila o silêncio ao vazio, à ruína, não reconhecendo que às vezes a palavra é a lacuna do silêncio”<sup>81</sup> (LE BRETON, 2018, p. 16). No entanto, silêncio faz parte da fala, ele é o “espaço de circulação de sentidos, e não [...] puro vazio expressivo” (SURREAUX, 2001, p.

<sup>80</sup> No original: “Il silenzio esprime ciò che le parole sono insufficienti a tradurre: manifesta la riservatezza di un uomo ancora in cerca della propria decisione” (LE BRETON, 2018, p. 85).

<sup>81</sup> No original: “L’ideologia della comunicazione assimila il silenzio al vuoto, alla rovina, non riconoscendo che, talvolta, proprio la parola è la lacuna del silenzio” (LE BRETON, 2018, p. 16).

598), nem sempre o aprendiz está pronto para se expressar verbalmente, quando ele cala, isso não quer dizer que esteja necessariamente se comunicando menos. É necessário redefinir o conceito de participação: para que um aluno fale, é preciso que os outros estejam em silêncio – isso não é ausência de interação.

A importância dos estudos sobre o silêncio na aquisição de uma língua reside no fato de compreender que ele deve ser respeitado como constitutivo da linguagem, entendendo suas significações durante o processo de aprendizagem para, com isso, minimizar possíveis dificuldades dos aprendizes. Diríamos, ainda, que o professor precisa escutar o peso de silêncio de seus alunos, pois o mesmo pode ser angustiante para eles, e ter a sensibilidade de saber quando, e de que maneira, intervir.

## **2.8. A escuta da voz**

Parece-nos, portanto, que falar de voz implica, muito fortemente, em falar de escuta, pois é a partir desta que voz e silêncio vão sendo definidos ou, para sermos mais precisos, é a partir da existência de um sujeito ouvinte que os sentidos veiculados pela voz, ou a falta dela, são confirmados ou não, é ele quem dá suas unicidades e os significa na coletividade. Quem fala, “fala a alguém que escuta, que estende as escutas de seu desejo, que se deixa captar pela voz do outro, do qual se torna cativo” (ZUMTHOR, 2005, p. 65). Esse aprisionamento do sujeito pela voz pode ser percebido no bebê, ao escutar a mãe, onde a voz importa muito mais do que as palavras, assim como na canção de amor, “talvez na canção de amor o importante seja a voz que cante mais que a própria língua que só faz manifestar esta voz” (ZUMTHOR, 2005, p. 66).

Em *Sobre a alma*, Aristóteles se dedica a pensar, no livro II, as relações da alma com o corpo; para ele, “o som em actividade é sempre de alguma coisa, contra alguma coisa e em alguma coisa, pois o que o produz é um golpe” (ARISTÓTELES, 2010, p. 83); sendo assim, podemos pensar na realização fônica de um sujeito falante produzindo um golpe no ouvido de quem o escuta.

Por fim, cabe-nos lembrar que sempre que falamos de uma voz, é da produção dessa voz que estamos tratando, o que interessa é trabalhar com o efeito que a voz causa. Herman Parret (2002, p. 36), numa definição bastante simplória, afirma que a voz “é antes de tudo a

capacidade ou a faculdade de emitir sons”<sup>82</sup>; e apesar de “os homens sempre demonstraram interesse em usar bem a voz, aprendendo o uso da voz, em função de uma melhor interação de comunicação”<sup>83</sup> (PARRET, 2002, p. 39), fica clara a complexidade que é tratar metodologicamente da voz.

Parret (2002, p. 31) traz uma importante reflexão acerca da voz ouvida:

a orelha, ouvindo, interpreta a voz de antes da linguagem, a voz que grita, que geme, como uma ameaça, instável e surpreendente, como uma pausa, e é só no momento em que a palavra se instala na voz, que o excesso se torna suportável<sup>84</sup>,

por isso tratar de voz é flertar, todo o tempo, com a noção de escuta. Acreditamos que a entrada metodológica do linguista deva ser pelo aspecto fônico da linguagem pois é a voz-fala que convoca o semântico, a voz-fala chama o sentido, não o contrário; assim, no capítulo seguinte, nos dedicaremos de maneira mais objetiva ao *Monsieur B*, ou seja, à questão da escuta, buscando revelar sua importância para os estudos de aquisição das línguas.

---

<sup>82</sup> No original: “est avant tout l’aptitude ou la faculté d’émettre des sons” (PARRET, 2002, p. 36).

<sup>83</sup> No original: “les hommes ont toujours montré un intérêt à bien employer la voix, à apprendre le bon usage de la voix, en fonction d’une meilleure interaction communicationnelle” (PARRET, 2002, p. 39).

<sup>84</sup> No original: “L’oreille, à l’écoute, interprète la voix d’avant le langage, la voix que crie, qui gémit, comme une menace, instable et stupéfiante, comme une brisure, et ce n’est qu’au moment où la parole s’installe dans la voix, que l’excès devient supportable” (PARRET, 2002, p. 31).

### 3. ESCUTA

Depois de termos feito um percurso por alguns importantes aspectos da teoria saussuriana no primeiro capítulo, e termos buscado as implicações da voz e do silêncio na escuta no segundo capítulo, eis que agora nos dedicaremos mais profundamente a ela: a escuta. Enquanto a fala não possui um órgão destinado exclusivamente para a fonação, visto que se utiliza do aparelho fonador, que tem como função primordial a respiração e a alimentação, a escuta possui um órgão exclusivo: a orelha, cuja função basilar é ouvir e escutar, ainda que esteja ligada também à função de equilíbrio.

Mas por quê, em comparação à fala, ou ainda à língua, os estudos sobre a escuta representam um número tão reduzido? Uma possível resposta encontramos nos linguistas italianos Federico Albano Leoni e Pietro Maturi (2016, p. 133):

Os linguistas e foneticistas geralmente prestam menos atenção à fisiologia da audição e aos mecanismos de interpretação central do sinal do que aos processos de produção. Isso acontece por uma ampla gama de motivos, entre os quais tem grande peso o fato de os mecanismos da recepção apresentarem, em relação aos de produção, uma "visibilidade" menor, porque são processos inteiramente internos, não observáveis diretamente pelo falante comum, nem pelo linguista ou pelo foneticista, mas apenas pela anátomo-fisiológico, no que diz respeito ao componente sensorial e neurológico da recepção, e pelo psicólogo pelo componente mental<sup>85</sup>.

Assim, entendemos a escuta como algo mais subjetivo e difícil de ser analisado, visto que estamos tratando de impressões. Ela ainda é única e exclusiva do sujeito, ou seja, enquanto a fala permite que uma pessoa fale pela outra, que seja porta-voz de determinada mensagem, ninguém pode escutar pelo outro.

Para Leoni e Maturi (2016, p. 134), o momento de recepção da massa de sons pelos ouvintes pode ser dividido em duas fases:

“uma *fase periférica*, na qual o sinal é coletado e analisado no ouvido e então enviado ao cérebro, e uma *fase central*, na qual o resultado da primeira fase é interpretado pelo ouvinte e na qual é compreendido o significado do sinal recebido”<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> No original: “Alla fisiologia dell’udito e ai meccanismi di interpretazione centrale del segnale i linguisti e i fonetisti prestano in genere meno attenzione che non ai processi di produzione. Ciò avviene per un vasto complesso di ragioni, tra le quali ha un grande peso il fatto che i meccanismi della ricezione presentano, rispetto a quelli della produzione, una minore “visibilità”, perché sono processi interamente interni, non osservabili direttamente dal parlante comune, né dal linguista o dal fonetista, ma solo dall’anatomo-fisiologico, per quanto riguarda la componente sensoriale e neurologica della ricezione, e dallo psicologo per la componente mentale” (LEONI e MATURI, 2016, p. 133).

<sup>86</sup> No original: “una *fase periferica*, in cui il segnale viene raccolto e analizzato nell’orecchio e poi inviato al cervello, e una *fase centrale*, in cui il risultato della prima fase viene interpretato dall’ascoltatore e in cui viene compreso il significato del segnale ricevuto” (LEONI e MATURI, 2016, p. 134).

Roland Barthes (2015, p. 235) começa seu texto intitulado “Escuta” com “*ouvir* é um fenómeno fisiológico; *escutar* é um acto psicológico”, diferenciando ouvir – som que o ouvido capta e remete ao sentido da audição – de escutar, ato psicológico que remete à atenção e inteligência; fundamentados nessa definição, o que nos interessa discutir é a escuta, este momento que acontece a partir da vontade do sujeito ouvinte, e não o ouvir fisiológico. Buscando uma aproximação com a língua italiana, encontramos um reforço à afirmação de Barthes com os verbos *sentire* – utilizado quando se ouve alguma coisa de forma involuntária, podendo ser aplicado inclusive para a porção sensorial, como *sentire freddo* (sentir frio) – e *ascoltare* – quando o ato de escuta é voluntário, e aplica-se exclusivamente aos órgãos da audição, não mais à porção sensorial. O dicionário Il Devoto-Oli (2009, p. 203) apresenta como uma de suas definições de *ascoltare* “ouvir atentamente alguém: fala, te escuto”<sup>87</sup>, enquanto entre as definições de *sentire* encontramos “perceber com o ouvido, ouvir: ouvir um som, um barulho, um trovão”<sup>88</sup> (IL DEVOTO-OLI, 2009, p. 2588), definições que corroboram aquela cunhada por Barthes, tendo o ouvir como algo accidental.

Ao dizer que a escuta só pode ser definida pelo seu objeto, ou objetivos, Barthes destaca três tipos de escuta: a escuta de índices (ligada à faculdade fisiológica de ouvir), a decifração de signos captados pelos ouvidos e, por fim, um tipo de escuta que coloca em evidência o sujeito que fala, uma escuta que “não presta atenção ao que é dito, ou emitido, mas sim a quem fala, quem emite: desenvolve-se, em princípio, num espaço intersubjectivo, em que ‘escuto’ também quer dizer ‘escuta-me’” (BARTHES, 2015, p. 236); fica claro que com esse “jogo de transferência” do qual o autor trata, para haver escuta, é necessário a fala e o silêncio: enquanto “escuto” se produz uma fala e estou em silêncio, o silêncio, como já discutido no capítulo anterior, encontra-se essencialmente naquele que escuta, ou como preferimos denominá-lo: sujeito ouvinte.

A questão do silêncio no diálogo também é abordada pelo linguista e semioticista Jacques Coursil, que afirma que “o diálogo, lugar de fala, é também por necessidade um espaço de silêncio”<sup>89</sup> (COURSIL, 2000, p. 13) ou ainda: “inscrita na atividade constante do sistema neural de cada sujeito, a linguagem silenciosa trabalha”<sup>90</sup> (COURSIL, 2000, p. 14). Com isso, entendemos que o silêncio, presente em todo diálogo, não é qualquer silêncio, não é um eximir-se da fala, mas um silêncio ativo de um sujeito inserido na linguagem.

<sup>87</sup> No original: “*udire attentamente qualcuno: parla, ti ascolto*” (IL DEVOTO-OLI, 2009, p. 203).

<sup>88</sup> No original: “*percepire con l’udito, udire: s. un suono, un rumore, un tuono*” (IL DEVOTO-OLI, 2009, p. 2588).

<sup>89</sup> No original: “*le dialogue, lieu de parole, est aussi par nécessité, un espace de silence*” (COURSIL, 2000, p. 13)

<sup>90</sup> No original: “*Inscrite dans l’activité constante du système neuronal de chaque sujet, la langage silencieuse travaille*” (COURSIL, 2000, p. 14).

Ao tratar da escuta do psicanalista, Roland Barthes afirma ser “de inconsciente para inconsciente que se exerce a escuta psicanalítica, de um inconsciente que fala a outro que se pressupõe estar a ouvir” (BARTHES, 2015, p. 241-242) e segue dizendo que “o significado daquilo que se ouve só se revela mais tarde” (BARTHES, 2015, p. 242); isso pode ser interpretado a partir de deslocamentos feitos da teoria saussuriana, ainda que o mestre genebrino não trate especificamente da escuta como um conceito, ele fala de uma escuta psíquica, mas para além da escuta psicanalítica, não será assim toda a escuta? Acreditamos que sim, pois essa transmissão de inconsciente a inconsciente junto da incerteza da escuta com o fato de supor que alguém ouve perpassa todo processo de escuta. Daquilo se foi falado, o que resta é, na verdade, a impressão do que foi escutado, não o que foi dito.

### 3.1. *Monsieur B*: o sujeito ouvinte

O papel do sujeito falante parece-nos bastante bem desenhado quando olhamos para o legado da linguística saussuriana, tanto que é ele, por exemplo, o responsável pelas transformações inteligentes da língua, ou seja, as analogias, ou ainda, segundo D’Ottavi (2010, p. 74) “o que pode ser qualificado como *concreto* na língua é o produto de interações complexas de forças físicas, fisiológicas e mentais e a realidade linguística é dada somente quando o indivíduo projeta sua subjetividade de falante”<sup>91</sup>, ou seja, observamos assim a centralidade que o papel do falante adquire. Mas afinal, e aquele que está do lado oposto: o sujeito ouvinte? Qual seu peso na linguística e na aquisição das línguas?

No momento em que o circuito da fala é apresentado no Curso (SAUSSURE, 1975, p. 19), nos deparamos com o sujeito ouvinte, que aparece de frente para o falante.

---

<sup>91</sup> No original: “ciò che si può qualificare come *concreto* nella lingua è il prodotto di interazioni complesse di forze fisiche, fisiologiche e mentali e la realtà linguistica si dà solo nel momento in cui l’individuo vi proietta la sua soggettività di parlante” (D’OTTAVI, 2010, p. 74).

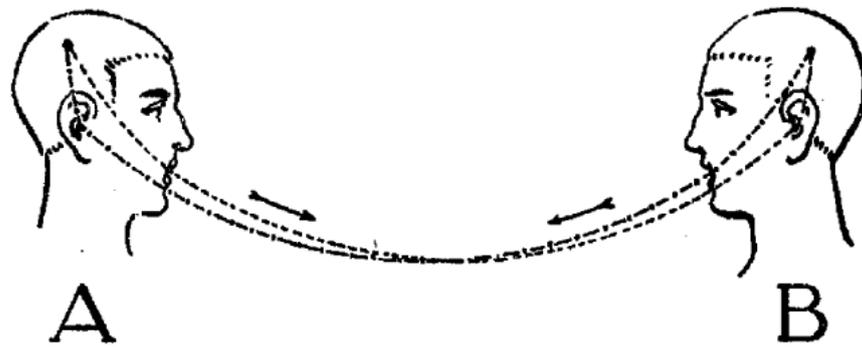


Figura 4: Circuito de fala

Adaptado de: SAUSSURE, 1975, p. 19.

Ao descrever o circuito da fala, a partir do instante em que processos psíquicos e fisiológicos são desencadeados pelo falante, diante dele está *Monsieur B*, o ouvinte; quando ondas sonoras chegam aos seus ouvidos, ele se encontra em uma posição passiva, com os ouvidos expostos para receber essas ondas sonoras e ligá-las, através de um processo ativo, a seus significados, formando signos. Assim, se dispara um processo fisiológico, ou seja, o órgão da audição manda a massa de som ouvida para o cérebro e, ali, acontece o processo psíquico de associação do significante ouvido a um conceito – e lembrado, como já dissemos no capítulo 1, que o processo psíquico desencadeado no ouvinte nunca é o mesmo daquele desencadeado no falante, visto que cada um fará, a sua maneira, a associação entre significante e significado, ainda que todos tenham de fazer associações mais ou menos parecidas para que seja garantida a comunicação. Lembramos, ainda, uma passagem do Curso: “pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos” (SAUSSURE, 1975, p. 21).

Ao se manifestar, o *Monsieur A* pode provocar efeito no ouvinte que, por sua vez, pode tomar a palavra e dar continuidade ao circuito da fala. Para que o ouvinte se manifeste, é necessário que o falante entre em contato com a mente do ouvinte, no entanto, durante esse caminho, podem aparecer obstáculos, pois a compreensão de um discurso não é resultado da justaposição do significado de cada palavra que o compõe, mas está ligada ao fato social.

A imagem do circuito da fala abriu precedentes para que muitos estudos fossem desenvolvidos levando em consideração somente *Monsieur A*, ou ainda concebendo o ato de fonação como o ponto mais importante a ser considerado no circuito da fala, no entanto, é o próprio Saussure quem adverte:

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente **a impressão produzida no ouvido** nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também **ela é a base de toda a teoria** (SAUSSURE, 1975, p. 49, grifos nossos).

Mais adiante encontramos:

**é na cadeia da fala ouvida** que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, este som é único. **O que importa** não é a duração em colcheias ou semicolcheias (cf. fâl e fâl), mas **a qualidade de impressão** (SAUSSURE, 1975, p. 50, grifos nossos).

Aqui está uma das bases da teoria saussuriana: o que o mestre genebrino faz é privilegiar o lado acústico em detrimento do aspecto físico ou articulatório. A partir dessa leitura, entende-se que o aspecto fisiológico do ato de fala influencia pouco no estudo da língua, por isso Saussure o refuta, ou ainda em outras palavras, começamos a entender que tudo acontece a partir da impressão acústica. Pois,

quando percebemos o propósito do estudo fisiológico por linguistas, vemos que: Tudo consiste em determinar a correlação precisa entre as diferentes sensações acústicas e o ato mecânico, e não na explicação da correlação / dos fenômenos intermediários que dão origem à sensação<sup>92</sup> (SAUSSURE, 1994, p. 87, 53 [8:97v]).

Quando Parret entra em contato com os Manuscritos de Harvard<sup>93</sup>, busca organizar um compêndio de dois campos de interesse: a fonologia e a mitografia, fazendo interpretações originais a partir do material analisado. A primeira parte do livro *Manoscritti di Harvard*<sup>94</sup> é um texto construído por Herman Parret, com algumas citações de autores diversos – como Roman Jakobson e Jules Vendryès – e inserções dos manuscritos saussurianos, na segunda parte o autor reporta fragmentos dos manuscritos originais. Nesta obra, a partir da leitura que faz dos Manuscritos, Parret afirma que

a **orelha** está bem presente na fonética semiológica, não a do fisiologista, mas aquela do sujeito falante e "analisador" que capta os relevos<sup>95</sup> (SAUSSURE, 1994, p. 22, grifos nossos).

E ainda, na mesma obra, Parret apresenta uma citação direta de Saussure:

a melhor prova que pode ser dada ao fato de que **apenas a impressão acústica tenha um valor** é que seria perfeitamente impossível para os próprios fisiologistas distinguirem unidades no *jogo da voz* sem recorrer às unidades [anteriormente fornecidas pela] sensação acústica. O que faz um fisiologista que explica os

<sup>92</sup> No original: “Quando ci si rende conto dello scopo dello studio fisiologico da parte dei linguisti, si vede che: Tutto consiste nel determinare a correlazione precisa tra le diverse sensazioni acustiche e l’atto meccanico, e non nella spiegazione della correlazione / dei fenomeni intermedi che fanno nascere la sensazione” (SAUSSURE, 1994, p. 87, 53 [8:97v]).

<sup>93</sup> Herman Parret visitou a biblioteca de Harvard pela primeira vez em 1971, e o fez com certa frequência até o ano de 1992, período em que foi o curador do Manuscrito *Phonétique*. Em 1994 a versão italiana *Manoscritti di Harvard* é publicada, época em que a curadoria desse manuscrito saussuriano passa para Maria Pia Marchese (D’OTTAVI, 2010).

<sup>94</sup> A biblioteca da Universidade de Harvard adquiriu, em 1967, uma série de manuscritos de Ferdinand de Saussure graças à intervenção de Roman Jakobson, que na época era professor da referida universidade. O conteúdo era composto por 9 pastas, de temas diversos, com 995 páginas (SAUSSURE, 1994, p. 53). O guia da universidade, com o catálogo dos manuscritos saussurianos, pode ser consultado online pelo endereço <https://hollisarchives.lib.harvard.edu/repositories/24/resources/1579> (Acesso em 22/02/2019).

<sup>95</sup> No original: “L’**orecchio** è ben presente nella fonetica semiologica, non quello del fisiologo, ma quello del soggetto parlante e ‘analizzante’ che coglie i rilievi. (SAUSSURE, 1994, p. 22, grifos nossos).

movimentos de *b*? Começa tomando como base a unidade que *b* fornece ao seu ouvido<sup>96</sup> (SAUSSURE, 1994, p. 22, N 14 [3305.7] grifos nossos).

A partir disso advém a importante afirmação de Giuseppe D'Ottavi (2010, p. 89) que

o ponto de partida [do circuito da fala] será exatamente a orelha: é o som *ouvido*, e não o som *pronunciado*, que se apresenta primeiro ao sujeito, e é em função de sua assunção a uma imagem acústica que o som começa a adquirir valor linguístico<sup>97</sup>.

Percebemos, com isso, o quanto Saussure propõe um olhar dialógico ao circuito pois, colocando *Monsieur A* e *Monsieur B* frente a frente, como em um espelho, o já referido esquema apresentado no Curso, bem como em algumas outras passagens, representa a importância do diálogo entre os sujeitos para que haja comunicação e a relevância de *Monsieur B*. O papel desenvolvido pelo ouvinte é claro:

*Monsieur B* é chamado a fazer suposições sobre a configuração do sistema de classificação, é chamado à construção contínua do código e a sua contínua confirmação pragmática no campo da intercompreensão. Estas tarefas não só vão muito além de uma rotina de decodificar, mas envolvem trabalho ativo e criativo, a ser realizado todo por parte do receptor<sup>98</sup> (D'OTTAVI, 2010, p. 78).

Portanto, o ouvinte é convocado a fazer infinitas associações, tendo um papel ativo, e não a mera operação de decifrar uma massa de sons que chegam à sua orelha. Assim, Jacques Coursil, professor de linguística teórica, que se dedica ao estudo do corpus saussuriano e às teorias da linguística moderna, defende em seu livro intitulado *La fonction muette du langage* que

falar pressupõe a capacidade de ouvir. No diálogo, falar é um evento e ouvir, uma constante. A atividade da linguagem é dividida em dois papéis dialógicos, o de ouvir quem fala e o de ouvir quem não fala; em outras palavras, há, no diálogo, tantas pessoas ouvintes quanto os participantes<sup>99</sup> (COURSIL, 2000, p. 13).

Ainda no *Manoscritti di Harvard*, segundo Parret, Jules Vendryès (1978, p. 168-169 apud SAUSSURE, 1994, p. 16, grifos nossos), linguista do séc. XX, resume a posição oficial de Saussure ao dizer que

F. de Saussure subordina o fenômeno fonético ao fenômeno acústico. **É através da orelha que o sujeito falante adquiriu a língua; a imagem inicial impressa em seu**

<sup>96</sup> No original: “La miglior prova che si può dare al fatto che **solo l'impressione acustica abbia un valore**, è che sarebbe perfettamente impossibile agli stessi fisiologi distinguere delle unità nel *gioco della voce* senza ricorrere alle unità [precedentemente fornite dalla] sensazione acustica. Cosa fa un fisiologo che ci spiega i movimenti di *b*? Comincia col prendere come base l'unità che *b* fornisce al suo orecchio (SAUSSURE, 1994, p. 22, N 14 [3305.7] grifos nossos).

<sup>97</sup> No original: “Il punto di partenza [del circuito della parole] sarà esattamente l'orecchio: è il suono udito, e non il suono pronunciato, che si presenta in primo luogo al soggetto, ed è in funzione della sua assunzione a immagine acustica che il suono si avvia ad acquistare valore linguistico (D'OTTAVI, 2010, p. 89).

<sup>98</sup> No original: “*Monsieur B* è chiamato a formulare ipotesi sulla configurazione del sistema di classificazione, è chiamato cioè alla costruzione continua del codice e alla sua continua conferma pragmatica sul campo dell'intercomprensione. Questi compiti non solo vanno ben oltre una *routine* di decodifica, ma implicano un lavoro attivo e creativo, da svolgersi tutto dalla parte del ricevente” (D'OTTAVI, 2010, p. 78).

<sup>99</sup> No original: parler présuppose la capacité d'entendre. Dans le dialogue, parler est un événement, et entendre, une constante. L'activité de langage se partage donc en deux rôles dialogiques, celui d'entendant qui parle et celui d'entendant qui ne parle pas; en d'autres termes, il y a, dans un dialogue, autant d'entendants que de participants (COURSIL, 2000, p. 13).

**cérebro é uma imagem acústica. A fonação nada mais é do que a execução de imagens acústicas.** Disso resulta que a imagem muscular do ato fonatório seja secundária; e que o estudo do mecanismo da articulação possa permanecer fora do estudo da língua<sup>100</sup>.

Ou seja, o momento receptivo precede a fala dos sujeitos, daí advém o lugar primordial de *Monsieur B* nos estudos sobre aquisição de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, oral ou visuoespacial. O momento da recepção do som, denominado como acústico, é diferente do momento de propagação física do som. No entanto, segundo D'Ottavi (2010, p. 83), existe uma oscilação terminológica: o termo “acústico” pode designar tanto o momento da propagação física do som quanto a sua recepção fisiológica por parte do ouvinte, mas a partir do terceiro curso, após ajustes terminológicos, o termo utilizado por Saussure é imagem auditiva, aponta o linguista italiano. Quando Coursil (2000, p. 19) diz que “a cadeia [falada] não é nem premeditada, nem montada por aquele que fala”<sup>101</sup> ele tira o foco do falante para depositá-lo no ouvinte, o que nos faz notar, mais uma vez, a relevância do sujeito ouvinte.

Dentro da obra saussuriana, encontramos referências diretas sobre o fenômeno acústico especialmente no capítulo do Curso intitulado Apêndice Princípios de Fonologia (SAUSSURE, 1975, p. 49-78), e a medida que seguimos o pensamento do mestre genebrino, percebemos que o fenômeno acústico é analisado a partir da audição, já que são as impressões acústicas recebidas que fazem com que a língua, enquanto sistema, se forme no sujeito ouvinte.

### 3.2.A escuta na linguística pós-saussuriana

No artigo “Ferdinand de Saussure e *Monsieur B*”, o linguista italiano Giuseppe D'Ottavi aborda o papel do sujeito falante na visão linguística saussuriana, buscando ilustrar a centralidade do *Monsieur B* afirmando que:

tudo isso<sup>102</sup> converge na definição da primazia do falante: isto que se pode qualificar como *concreto* na língua é produto de interações complexas de forças físicas,

<sup>100</sup> No original: “F. de Saussure subordina il fenomeno fonetico al fenomeno acustico. È attraverso l'orecchio che il soggetto parlante ha acquisito la lingua; l'immagine iniziale impressa nel suo cervello è un'immagine acustica. La fonazione non è altro che l'esecuzione di immagini acustiche. Ne consegue che l'immagine muscolare dell'atto fonatorio sia secondaria; e che lo studio del meccanismo dell'articolazione possa restare al di fuori dello studio della lingua” (VENDRYÈS, 1978, p. 168-169 apud SAUSSURE, 1994, p. 16, grifos nossos).

<sup>101</sup> No original: “la chaîne n'est ni préméditée, ni assemblée par celui qui parle” (COURSIL, 2000, p. 19).

<sup>102</sup> D'Ottavi cita como exemplo a noção de tempo enquanto ator interno do objeto língua, sendo responsável tanto pelo equilíbrio quanto pelas transformações em relação à questão da sincronia e os fatos de linguagem.

fisiológicas e mentais e a realidade linguística se dá somente no momento no qual o indivíduo projeta a sua subjetividade de falante<sup>103</sup> (D’OTTAVI, 2010, p. 73-74).

Ou seja, tendo o sujeito falante um papel central na linguística saussuriana, cabe agora olhar para o sujeito ouvinte numa tentativa de esclarecer seu papel no circuito da fala em busca das habilidades interpretativas. Assim, o linguista italiano fala de uma crise do papel simplificado do lado receptor, existente a partir de observações saussurianas que tratam da disposição ativa do lado receptivo do falante; sua tese é que semioticamente o trabalho do ouvinte não é uma simples operação de decodificação, visto que o ouvinte tem um papel criativo na construção da língua.

Isso pode ser comprovado quando ouvimos uma língua estrangeira que não conhecemos, até conseguimos identificar alguns de seus sons, mas não seus signos linguísticos, pois não ligamos os significantes a nenhum significado. “Quando ouvimos uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social” (SAUSSURE, 1975, p. 21), e estando alheios ao fato social, não conseguimos recortar valor.

A não passividade perceptiva do sujeito ouvinte está ligada ao fato de a língua passar pela consciência do sujeito, pois a imagem acústica – que constitui o signo – não é um som material em si, mas a impressão psíquica desse som. Esta relação do sujeito com a consciência não abrange somente as línguas orais, mas abarca um sentido muito mais amplo, como o próprio Saussure deixa claro:

Passeando, eu faço, sem nada dizer, um entalhe numa árvore, como por diversão. A pessoa que me acompanha guarda a ideia desse entalhe e é incontestável que associa duas ou três ideias a esse entalhe a partir desse momento, embora eu mesmo não tivesse ideia alguma, além de enganá-la ou de me divertir.

Toda coisa material é já, para nós, *signo*: ou seja, impressão que associamos a outras. (SAUSSURE, 2004, p. 103).

Ou seja, o que Saussure nos mostra nesse caso é que *Monsieur B* é atingido pela imagem visual que recebeu – não pela massa de som – e, mesmo que ela seja aleatória para quem a produziu, ele faz associações psíquicas e transforma a impressão da imagem recebida em signo, dando um determinado valor para ela; no entanto, sendo uma impressão, é sempre subjetiva, este valor poderá ser diferente daquele inicialmente pensado por quem a produziu. É a sua consciência ativa trabalhando para formar signos.

---

<sup>103</sup> No original: “Tutto questo converge nella definizione del primato del parlante: ciò che si può qualificare come concreto nella lingua è il prodotto di interazioni complesse di forze fisiche, fisiologiche e mentali e la realtà linguistica si dà solo nel momento in cui l’individuo vi proietta la sua soggettività di parlante” (D’OTTAVI, 2010, p. 73-74).

Podemos perceber esse movimento em situações de aprendizagem de língua estrangeira: quando o aprendiz recebe um som, o que fica dele é a impressão recebida, e não o som em si pronunciado pelo falante. Muitas vezes, os sons de uma língua estrangeira não existem na língua materna, ou são associados a significados diferentes; assim, o som percebido pelo ouvinte não apresenta distinção de valor, então, o que ele faz é buscar um valor próprio, fazendo associações, por vezes baseado em sua língua materna, e forja um valor para a impressão recebida, que nem sempre será o mesmo vislumbrando por seu interlocutor. Portanto, esses fenômenos linguísticos que listamos podem resultar em diferentes efeitos.

Parret, no livro *Monoscritti di Harvard*, traz uma citação de Saussure que nos é cara para pensarmos o quando a impressão recebida, seja ela acústica ou visual, é subjetiva e difícil de ser definida:

A impressão acústica é *definível*? Ela não é mais definível do que a sensação [visual] de vermelho [ou azul], que é psíquica, completamente independente [em si] do fato de que o vermelho dependa de 72.000 [ou quantas quiser] vibrações que penetram no olho<sup>104</sup> (SAUSSURE, 1994, p. 19, N 14c [3305.7]).

A implicação do pensamento na língua está ligada, primeiramente, à analogia, pois é o “fenômeno de transformação inteligente”, ou seja, da consciência do falante. A língua, por sua vez é a consciência do falante, e para que ela aconteça é preciso que haja, antes de tudo, a escuta – que é sempre ativa. É por isso que sustentamos a concepção de “sujeito ouvinte”, pois antes de um sujeito se tornar falante, recebeu impressões psíquicas e ele se formou como ouvinte, e a partir desse momento de ouvinte a língua foi sendo depositada em seu cérebro pelas falas da comunidade na qual ele está inserido, formando seu “tesouro”. Aqui reside a importância dos estudos de aquisição e percepção do aspecto fônico, especialmente ao que toca a língua estrangeira. Na complexidade de aprendizagem da língua estrangeira surge a dificuldade do sujeito falante em entender e aplicar o papel da consciência na língua. Depecker (2012, p. 112) afirma que “para Saussure, o papel da consciência na língua não é um simples postulado. É um princípio fundamental”. E para que haja o reconhecimento dos signos a consciência precisa estar implicada.

Depecker (2012) sustenta que o jogo da consciência com os signos é particular, por isso “a língua só tem sua regra pela e na consciência dos sujeitos falantes”. A partir disso podemos pensar, novamente, a relação de aprendizagem de língua estrangeira: é preciso trabalhar no campo de consciência de sujeitos falantes que seja estranha ao sujeito ouvinte, fazendo-os

---

<sup>104</sup> No original: “L’impressione acustica è definibile? Essa non è più definibile della sensazione [visiva] del rosso [o del blu], che è psichica, completamente indipendente [in sé] dal fatto che il rosso dipenda da 72.000 [o da quante si vuole] vibrazioni che penetrano nell’occhio” (SAUSSURE, 1994, p. 19, N 14c [3305.7]).

adquirir uma consciência que não é sua. Para apreender uma língua estrangeira, é preciso que a consciência esteja envolvida, pois para que um signo seja interpretado como tal – e não como uma massa amorfa de sons – é necessário ter consciência de que se trata de um signo. Torna-se importante lembrar que nós comungamos relações associativas e sintagmáticas com a comunidade linguística na qual estamos inseridos, mas nunca exatamente as mesmas. A consciência é a responsável por atribuir valores aos signos e, por consequência, sentidos, sendo ela, também, a grande intérprete da língua.

Ao voltarmos-nos novamente para o circuito de fala saussuriano, deparamo-nos com dois sujeitos para os quais não podemos olhar da mesma maneira, pois recebem influências diferentes. D’Ottavi chama atenção para a recepção nada acidental de *Monsieur B*:

Orientado quanto à distinção e a ilustração das fases da troca verbal interindividual ao final do enquadramento da esfera psíquica como sede da *langue*, o circuito da *parole* termina, portanto, por não incorporar – ou pelo menos por não fazê-lo de maneira muito evidente – as consequências que sobre o nível da compreensão se aproximam da visão saussuriana como um todo.

Por outro lado, o circuito da *parole* leva os sinais de uma atenção para o lado perceptivo nada acidental e não priva de profundas implicações teóricas: a qualidade de “acústico” de um dos elementos do “centro associativo” revela todo o peso que o lado receptivo, culta na sua natureza de depósito psíquico de marcas sonoras, reveste a concepção saussuriana<sup>105</sup> (D’OTTAVI, 2010, p. 82).

Além da percepção ser sempre ativa, a relevância do som ouvido é maior do que a do som pronunciado, pois o aspecto acústico é aquilo que o sujeito interpreta, não o vocal. Isso fica bastante evidente em determinadas pronúncias em uma língua estrangeira, quando o sujeito aprendiz pronuncia alofones, ou qualquer outra unidade em dada língua, convicto de que esteja na pronúncia correta do idioma pretendido, pois foi o que o seu ouvido percebeu. Na fronteira entre as línguas a analogia fônica é fortemente marcada, já que existe uma tendência à aproximação de formas análogas.

Segundo Depecker (2012), as formas enunciadas por um sujeito, e podemos pensar especialmente naquele que está em processo de aquisição de uma língua estrangeira, não surgem ao acaso, mas a partir de aproximações de outras formas análogas, na língua materna ou no próprio idioma alvo. Com relação a como essas aproximações são feitas, Saussure define duas “ordens”: a discursiva (cada unidade depois da outra na frase, caráter linear) e a intuitiva.

<sup>105</sup> No original: “Orientato com’è alla distinzione e all’illustrazione delle fasi dello scambio verbale interindividuale al fine dell’inquadramento della sfera psichica come sede della *langue*, il circuito della *parole* finisce quindi per non incorporare – o almeno per non farlo in maniera troppo evidente – le conseguenze che sul piano della comprensione si tirano abbracciando la visione saussuriana nel suo complesso. Per contro, il circuito della *parole* porta i segni di un’attenzione per il versante percettivo tutt’altro che accidentale e non priva di profonde implicazioni teoriche: la qualifica di “acustico” per uno degli elementi del “centro associativo” rivela tutto il peso che la sponda ricettiva, colta nella sua natura di deposito psichico di impronte sonore, riveste nella concezione saussuriana” (D’OTTAVI, 2010, p. 82)

A ordem intuitiva está ligada aos elementos da língua que intervêm no sujeito falante antes da fala (ou no sujeito ouvinte antes dele se tornar falante), e aqui estamos no campo da escuta. Parece-nos que a ordem intuitiva está mais presente em aprendizes de uma língua estrangeira do que a discursiva, ou ao menos acontece antes, tendo em vista seu lugar primordial na formação do pensamento do sujeito. As aproximações em língua estrangeira se dão mais pela forma da língua materna do que pelo sentido, especialmente pela forma acústica, por isso tamanha a dificuldade dos aprendizes de italiano em fixarem a oclusiva alveolar desvozeada [t] após a vogal i – a troca é sempre feita pela africada alveopalatal desvozeada [tʃ], já que em português elas são alofones e a variante mais comum é a africada alveopalatal desvozeada [tʃ]; podemos ainda citar outro clássico exemplo: “como se diz ‘comer’ em italiano?” “Comere”, responderá alguém, sem imaginar a existência da palavra *mangiare*, já que é da consciência coletiva que os verbos terminam em -are, -ere, -ire.

Assim, entendemos o dado acústico como fundamental para formar um falante, inicialmente em língua materna, mas de modo particular em uma língua estrangeira, visto que estaremos num campo fônico diferente daquele que estamos acostumados. A percepção de uma língua estrangeira ganha contornos singulares, como veremos na próxima e última seção.

### 3.3. Percepção da escuta na língua estrangeira

O cenário da escuta em uma língua estrangeira desenha-se bastante particular, já que o sujeito ainda não está inserido na comunidade de fala, está alheio ao fato social e já possui um sistema linguístico consolidado, sua língua materna.

Nesse sentido, Laura Mori, doutora em linguística e professora na *Università degli Studi della Tuscia*, em Viterbo, na Itália, desenvolveu um precioso trabalho acerca da aquisição linguística do italiano como segunda língua<sup>106</sup>, a saber: o estudo se desenvolveu a partir de 13 marroquinos, com idades, nível cultural e social não homogêneos, mas que viviam há anos na Itália. Com relação à escuta no processo de aquisição da língua, a autora afirma que

os falantes podem ter dificuldade em produzir certos contrastes que, se não forem funcionais na língua nativa, **eles não conseguem nem mesmo perceber** e tendem a

---

<sup>106</sup> No caso de Mori (2007), segunda língua é a língua que é aprendida, por um estrangeiro, no país de origem – como italiano estudado na Itália por marroquinos, foco de seu estudo.

resolver através de processos de fortalecimento ou enfraquecimento<sup>107</sup> (MORI, 2007, p. 9, grifos nossos).

Ou seja, durante aquisição de uma língua estrangeira, a escuta tem papel fundamental, pois será ela a responsável por recortar, ou não, as unidades ouvidas e, em caso de dúvidas, muitas aproximações serão feitas com a língua materna, a partir da qual poderão ser produzidos, por exemplo, diferentes fonemas em língua estrangeira, mas que em língua materna eram alofones. É o que Schroeder (2004) aponta como “transferência linguística”, quando o aprendiz busca apoio em sua língua materna com o objetivo de suprir as lacunas da língua estrangeira; “devemos registrar, no entanto, que, assim como a transferência pode favorecer o aprendiz, pode também prejudicá-lo em algumas situações, levando-o a transferir estruturas que não são aceitas na língua alvo e resultando em um processo de transferência negativa ou erro” (SCHROEDER, 2004, p. 27).

Quando pensamos no vínculo professor-aprendiz, a relação fala-escuta merece uma atenção especial, pois “o outro, que escuta, exerce sobre ele [falante] a tirania da regra que exige uma fala clara, ordeira e limitada no tempo”<sup>108</sup> (COURSIL, 2000, p. 24), ou seja, o ouvinte é o primeiro que exige o controle da fala do outro. Este movimento fica muito evidente quando estamos em sala de aula com o objetivo de ensinar uma língua estrangeira, especialmente nos níveis mais elementares do processo de aquisição, visto que exige do professor uma fala mais lenta, pontuada e precisa

A fala hiperarticulada requer daquele que fala muito trabalho, muita atenção e muito controle, mas é de fácil interpretação para quem escuta. A fala hipoarticulada requer menos trabalho e menos atenção do falante, mas apresenta mais problemas e mais trabalho interpretativo ao ouvinte<sup>109</sup> (LEONI e MATURI, 2016, p. 24).

Isso, no entanto, não quer dizer que em uma fala hipoarticulada, segundo a denominação dos autores, seja incorreta ou, no caso da Itália, ligada aos dialetos, assim como a fala hiperarticulada não é sinônimo de *standard*, não apenas mecanismos de articulação aos quais os falantes devem se submeter, a depender da situação comunicativa, para atingir o ouvinte de maneira mais eficiente. Ou seja, é o ouvinte, a partir de sua escuta, modulando a fala de seu interlocutor.

<sup>107</sup> No original: “I parlanti possono avere difficoltà a produrre determinati contrasti che, se non funzionali nella lingua nativa, essi non riescono neppure a percepire e tendono a risolvere mediante processi di rafforzamento o indebolimento” (MORI, 2007, p. 9).

<sup>108</sup> No original: “l'autre, que écoute, exerce sur lui la tyrannie de la règle que exige une parole claire, ordonnée et limitée dans le temps” (COURSIL, 2000, p. 23)

<sup>109</sup> No original: “Il parlato iperarticolato richiede a chi parla molto lavoro, molta attenzione e molto controllo ma è di facile interpretazione per chi ascolta. Il parlato ipoarticolato richiede meno lavoro e meno attenzione a chi parla ma pone più problemi e più lavoro interpretativo a chi ascolta” (LEONI e MATURI, 2016, p. 24).

Podemos concluir que a escuta está na base do aprendizado das línguas, tendo papel fundamental para que o sujeito ouvinte se transforme em falante, além de ser um modulador da fala, tendo em vista que esta tende a se adaptar de acordo com o ouvinte. Ainda assim, é um aspecto que recebe pouco espaço nos estudos linguísticos, quando comparado à produção da fala. Qualquer pessoa que se encontre em um grupo de falantes nativos, sendo um estrangeiro, ou ainda em uma sala de aula de nível inicial, sabe o quanto é desconfortável não compreender o que se escuta e não poder falar a língua da comunidade. O adulto sofre muito mais do que criança com essa lacuna linguística por estar, em geral, menos disponível a colocar-se em jogo ou ter a necessidade de manter certa imagem, e neste momento encontramos o silêncio, momento de reflexão ou escuta atenta.

Portanto, mesmo a escuta tendo um órgão destinado quase exclusivamente para si – diferentemente da fala – recebe pouca atenção por parte dos estudos linguísticos, possivelmente por ser difícil de analisá-la. Os ouvidos estão sempre abertos a colher os sons ao seu redor, no entanto, a escuta é única e particular, é impossível que uma pessoa escute pela outra, e mesmo que uma fala seja direcionada a várias pessoas, as impressões da escuta são sempre diferentes para cada sujeito. Nesse movimento, antes de tudo, o sujeito recebe muitas imagens acústicas, associa-as em seu cérebro, através de um ativo processo psíquico, a conceitos, forma-se ouvinte e só então constitui-se como falante, seja de língua materna, seja de língua estrangeira. É a escuta, portanto, que primeiro insere o sujeito em um sistema linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de Ferdinand de Saussure, entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, e a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, em 1916, mudaram para sempre os rumos da linguística moderna e trouxeram o ponto de partida da presente dissertação.

Saussure trabalhou arduamente para esclarecer conceitos que lhe eram importantes, a começar pela tríade linguagem, língua e fala. O que o legado saussuriano nos deixa é que a fala, objeto concreto e individual, acontece a partir do exercício da linguagem na língua, que é depositada nos sujeitos de forma passiva – e esse depósito se dá pela escuta –, quando se trata de uma língua materna, ou “o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecê-lo o funcionamento” (SAUSSURE, 1975, p. 27) quando estamos tratando de uma língua estrangeira. Ainda assim, a mediadora da aprendizagem é sempre a escuta.

Sendo a língua o principal sistema de signos que usamos para nos comunicarmos, tivemos de ter especial atenção a mais este conceito saussuriano: o signo linguístico, objeto psíquico de duas faces, resultado da união de um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante), sendo, ao mesmo tempo, arbitrário – já que não existe nenhuma razão lógica ou natural que ligue as duas faces – e linear. Dessa maneira, o recorte do signo linguístico é relativo e está na dependência da comunidade linguística, isso prova, por exemplo, a diferença entre as línguas: nem mesmo as onomatopeias não recortadas da mesma maneira em diferentes idiomas.

É nesse cenário que surgem as diferenças fônicas: a língua portuguesa recorta como alofones alguns pares que em italiano não percebidos como fonemas, como é o caso de [t] e [tʃ], por exemplo. O valor nunca está no som em si, mas nas relações que ele estabelece com outros elementos do sistema, e se diferencia de sistema para sistema; essas relações são do tipo associativas – ocorrem fora do discurso, evocando o “tesouro depositado pela prática da fala e, outros indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 1975, p. 21) – e sintagmáticas – ocorrem dentro do discurso. Ao tratarmos da apropriação de uma língua, chegamos ao processo de criação inteligente: a analogia, que opera por meio das relações sintagmáticas e associativas; no que concerne à aquisição de uma língua estrangeira, percebemos que o sujeito apoia-se bastante no aspecto fônico da língua materna e, a partir das impressões acústicas que vai recebendo, consegue, com maior ou menor facilidade, consolidar seu lugar na língua estrangeira.

Devemos lembrar, ainda, que o valor linguístico não surge do nada, mas a partir das impressões acústicas recebidas pelo sujeito ouvinte ao associá-las a significados, pois como diz

SAUSSURE (2015, p. 29) é “somente ouvindo os outros aprendemos a nossa língua materna”, ou seja, a escuta aparece colocada como essencial para a aquisição de uma língua. Faz-se interessante lembrar ainda o quanto a escrita fonética pode ajudar a construir a consciência fônica dos sujeitos, especialmente para o professor de língua estrangeira, deixando os alunos mais seguros durante suas produções orais a partir do momento em que contam com o apoio na escrita, ainda que esta seja sempre incompleta, pois é impossível abarcar todas as materialidades do fônico.

Dessa maneira, chegamos ao circuito da fala, onde vimos ilustrados o ouvinte e o falante; a este último não devemos lançar um olhar ingênuo, de mero receptor da fala, pois há um papel ativo e ganha lugar importante na teoria saussuriana. Tanto que De Mauro escreve a nota 61 (SAUSSURE, 2015, p. 385), deixando claro o quanto a escuta tem um papel ativo. Os interlocutores compartilham imagens acústicas mais ou menos homogêneas, mas nunca exatamente as mesmas. Dito isso, coube-nos olhar para os outros elementos, além do signo, que estão presentes na escuta, e o primeiro a que nos dedicamos foi a voz.

A voz é anterior à fala e reflete o que o sujeito há de mais íntimo e exclusivo, no entanto, é um objeto bastante negligenciado pela linguística, que a estuda de maneira geral, como emissão sonora, sem pensar na sua unicidade. Não existe nenhuma ciência à qual a voz pertença de maneira ampla e que a esgote por completo.

Ainda que seja passível de imitação, a voz humana apresenta características únicas e individuais que fazem com que ela não possa ser comparada a outras vozes. Além disso, quando se trata de um enunciado, é claro que o significado não está somente nas palavras proferidas, pois a voz carrega sentidos para além das palavras; muitas vezes ela é a grande reveladora da verdade, independente daquilo que ela anuncia, como podemos observar na história de Isaac e seus dois filhos, no livro do Gênesis. No entanto, uma de suas características é a de se alterar ao longo do tempo, em função dos hormônios, idade, interlocutor ao qual o falante se dirige e até mesmo em relação à situação comunicativa.

A voz não possui um órgão destinado exclusivamente a sua produção – como a escuta possui a orelha – todavia, ela não pode ser confundida com qualquer ruído, ela não é puro som, mas uma categoria. Mas então, o que é a voz? Ela é o meio pelo qual reconhecemos uma pessoa, nunca é neutra, sempre traz consigo uma lembrança afetiva traduzida em forma de emissão fônica. Ela ainda convoca outros sentidos ao ser escutada. Além disso, a voz tem uma potência sedutora, capaz de acusar eventuais problemas na escrita, conforme apontam Camilleri e De Mauro (2014, p. 86).

Ao adentrarmos a obra de Heller-Roazen (2010), para pensar a voz durante o processo de aquisição da língua, vimos que no ápice do balbucio a criança é capaz de articular todos os sons contidos em todas as línguas. Conforme vai ocorrendo a apropriação da língua materna, ocorre a atrofia das habilidades fônicas e acústicas, já que a criança passa a não produzir sons que não escuta em seu idioma.

Falar em voz, e escuta, é também falar de silêncio, visto que a voz não é uma emissão contínua de sons. Quando se escuta uma voz, para que haja entendimento, é preciso que exista silêncio, portanto, o silêncio não deve ser encarado como o oposto da palavra, mas como parte integrante do processo comunicativo. Assim, antes de ser o vilão em uma sala de aula de aprendizagem de língua, ou visto como um grande vazio, o silêncio deve ser entendido como parte do processo de aquisição, podendo carregar múltiplos sentidos. Silêncio também é uma forma de comunicar.

Por fim, falar de voz nos obriga a falar de escuta, já que é a partir dessa última que a voz é descrita, a orelha é a grande intérprete da voz. Mas afinal, o que é escutar? Existe diferença entre ouvir a escutar?

Na presente dissertação, tratamos sempre do ato de escutar, por ser um processo psíquico, e não de ouvir, por ser um processo fisiológico. Assim, a escuta é algo subjetivo e difícil de ser analisada; poucos estudos são produzidos em relação a ela, um dos motivos para isso reside no fato de os mecanismos de interpretação e recepção serem de menor visibilidade por serem processos internos. O que sabemos da escuta do outro é aquilo que ele nos diz, que será sempre reinterpretado pela nossa escuta.

O sujeito que escuta, *Monsieur B*, encontra-se em uma posição aparentemente passiva, tendo em vista que o único órgão do nosso corpo que não podemos fechar por completo são as orelhas, mesmo quando dormimos elas permanecem abertas, mas a partir do momento em que suas orelhas recebem ondas sonoras, desencadeia-se um processo ativo, em seu cérebro, que ligará os significantes recebidos aos significados específicos, formando signos. Mais do que estudar os atos de fonação, o que deve interessar ao linguista são as impressões produzidas na orelha de *Monsieur B*, pois são elas as responsáveis pelo recorte de valor dos signos e a partir delas a língua se forma, enquanto sistema, no sujeito ouvinte.

Na linguística pós-saussuriana, o sujeito ouvinte começa a ganhar papel de destaque, e o lado receptivo é definido como ativo, pois a percepção passa pela consciência do ouvinte. Além disso, a relevância do som ouvido é maior do que a do som pronunciado, pois o sujeito interpreta o dado acústico, não o vocal.

Quando se trata da escuta de uma língua estrangeira, o cenário é um pouco diferente em relação à língua materna, pois o sujeito já possui um sistema de “sons possíveis” fixados em seu cérebro e, especialmente nos níveis iniciais, está alheio ao fato social, o que faz com que ele encontre dificuldades em recortar as unidades significativas. Quando o aprendiz encontra dificuldades no reconhecimento de sons da língua estrangeira, possivelmente recorrerá à língua materna, por um processo de analogia. A escuta tem, inclusive, o poder de controlar a fala, especialmente no que concerne a relação professor-aluno em contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira. Em relação ao nível de escuta dos alunos, o professor poderá modular sua fala, sendo mais ou menos articulada, para que seja compreendido.

Por fim, esta dissertação iniciou-se pela teoria saussuriana, passou pelas noções de voz e silêncio para, finalmente, chegar à escuta, aquela que é fundamental na aquisição das línguas. Esperamos ter conseguido elucidar, com esse percurso, o papel central e primeiro que a escuta teve em nós, falantes de língua portuguesa ou de qualquer língua estrangeira, durante nosso processo de aquisição. No entanto, temos consciência de que o trabalho não se encerra aqui, há ainda muito para ser explorado de maneira mais aprofundada sobre escuta, voz e silêncio no ensino de língua materna, ensino de língua estrangeira, aprendizagem de língua estrangeira. Finalmente, a presente dissertação ancorou seu estudo em noções teóricas que se apresentam aos refletirmos sobre o ensino e aprendizagem de línguas. Os exemplos por nós utilizados serviram como um esboço de deslocamento do campo teórico para a observação do processo em si. Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para pensar o papel do silêncio, voz e escuta na aquisição das línguas em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BÍBLIA. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- ARISTÓTELES. “A sensibilidade: A audição e o seu objecto; a voz”. In: **Sobre a Alma**. Tradução: Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- \_\_\_\_\_. **História dos animais**. Tradução: Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Tradução: Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BOLOGNA, Corrado. Voz. **Enciclopédia Einaudi. Volume 11 Oral/escrito argumentação**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- CALVINO, Italo. “Um rei à escuta”. In: **Sob o sol-jaguar**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- CAMILLERI, Andrea; DE MAURO, Tullio. **La lingua batte dove il dente duole**. Bari: Editori Laterza, 2014.
- CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia e expressão vocal**. Tradução: Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- COURSIL, Jacques. **La fonction muette du langage. Essai de linguistique générale contemporaine**. Guyane Française: Ibis Rouge Eds., 2000.
- DALL’ARMELLINA, Rossana; TUROLLA, M. Luisa; GORI, Guiliana. **Giocare con la fonetica: corso di pronuncia con attività e giochi**. Firenze: Alma Edizioni, 2005.
- DE PALO, Marina. **Saussure e gli strutturalismi. Il soggetto parlante nel pensiero linguistico del Novecento**. Roma: Carocci editore, 2016.
- DEPECKER, Loïc. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo. **Il Devoto-Oli. Vocabolario della lingua italiana**. Milano: Mondadori Education S.p.A, 2009.
- D’OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. Bollettino di italianistica. **Rivista di critica, storia letteraria, filologia e linguistica** n.s., anno VII, n. 1, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Nine Easy Pieces: Os Manuscritos de F. de Saussure em Harvard”. In Cristina Altman, Lygia Testa; Torelli (Org.). **Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH: Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2017, p. 153-177. Disponível em [www.cedoch.fflch.usp.br/cadernos](http://www.cedoch.fflch.usp.br/cadernos)

- FAGUNDES, Patricia. **Fala do silêncio**. Texto/roteiro da Cia Rústica, 2017. Textos autorais mixados com fragmentos de canções, adaptação de Traições de H. Pinter, memórias e histórias.
- FALCÃO, Adriana. **Pequeno dicionário de palavras ao vento**. Salamandra, 2011.
- FLORES, Valdir do Nascimento. “A Voz, ‘essa cabeça de Medusa’”. In: Maurício Eugênio Maliska; Pedro de Souza (Org.). **Abordagens da Voz: a partir da Análise do Discurso e da Psicanálise**. 1ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 1, p. 119-133.
- GOMES, Janaína Nazzari. **Quando falar e ouvir é apropriar-se: Uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana**. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: 2016.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas**. Tradução: Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LE BRETON, David. **Sul silenzio. Fuggire dal rumore del mondo**. Traduzione: Paola Merlin Beretter. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Sovranità del silenzio**. Traduzione: Emanuela Mancino. Milano: Mimesis Edizioni, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Éclats de voix. Une anthropologie des voix**. Paris: Éditions Métailié, 2011.
- LEONI, Federico Albano; MATURI, Pietro. **Manuale di fonetica**. Roma: Carocci editore, 2016.
- LIMA, Marília dos Santos; MARQUES, Julia Oliveira Osorio. “O silêncio e os estilos de aprendizagem em sala de aula de língua estrangeira” In: Darcilia Marindir Pinto Simões; Francisco José Quaresma de Figueiredo (Org.). **Contribuições da linguística aplicada para o professor de línguas**. Campinas: Pontes editores, 2015.
- MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a voz. In: **ReVEL. Edição especial n. 2**, 2008.
- MILANO, Luiza. O sertão em voz alta. **Signo** (Santa Cruz do Sul), v. 42, p. 76, 2017.
- \_\_\_\_\_. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **Eutomia** (Recife), v. 1, p. 245-258, 2015.
- MORI, Laura. **Fonetica dell’italiano L2: un’indagine sperimentale sulla variazione nell’interlingua dei marocchini**. Roma: Carocci editore, 2007.
- OTTARAN, Elisa Devit. **Dificuldades na produção de africadas alveopalatais por falantes de português brasileiro como aprendizes de língua italiana**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, 2014.
- PARRET, Herman. **La voix et son temps**. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2002

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Curso di linguistica generale**. Bari: Editori Laterza, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Cours de linguistique générale**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Manoscritti di Harvard**. A cura di Hermann Parret. Bari: Editori Laterza, 1994.
- SCHROEDER, Daniela Norci. **Ensino de italiano L2: a aquisição dos pronomes**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.
- STAWINSKI, Aline Vargas. **O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2016.
- SURREAUX, Luiza Milano. A questão do silêncio na aquisição desviante de linguagem. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, 2001.
- ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia, SP; Ateliê Editorial, 2005.